

JV

# ABORTEI

## OS MEUS PAIS



JV

# ABORTEI OS MEUS PAIS

Copyright © 2023 **JV**

**Título:** Abortei os meus pais

**Autor:** JV

**Edição e Diagramação:** Jacira Félix

**Revisão:** Édner Mateus

**Capa:** Levis Songs

**1º Edição:** Fevereiro/2023

**ISBN:** 978-989-33-4364-7

---

Todos os direitos desta edição são reservados à Nzogi JF – Editora Virtual – Prestação de Serviços SU, LDA.

É expressamente proibida a reprodução, no todo ou em parte, da presente obra sem a autorização prévia do autor.

**Nzogi JF – Editora Virtual – Prestação de Serviços SU, LDA**

Instagram: [nzogieditora](#) | Facebook: Nzogi - Serviços Editoriais | Luanda – Angola

Tel: +244 921217056 | Email: [nzogieditora@outlook.pt](mailto:nzogieditora@outlook.pt)

JV

# ABORTEI OS MEUS PAIS



*Dedicado à Memória da minha querida irmã  
Osmaida Edna Diogo Gongga e Silva*

“Somente os que foram agraciados com a graça da vida, é que intentam acções contra a vida de outrem.”

**“JV”**

## Índice

Prefácio .....	8
Capítulo 1 .....	9
Capítulo 2 .....	12
Capítulo 3 .....	17
Capítulo 4 .....	21
Capítulo 5 .....	26
Capítulo 6 .....	30
Capítulo 7 .....	34
Capítulo 8 .....	39
Capítulo 9 .....	44
Capítulo 10 .....	50
Capítulo 11 .....	52
Capítulo 12 .....	56
Capítulo 13 .....	61
Capítulo 14 .....	66
Capítulo 15 .....	71
Capítulo 16 .....	75
Agradecimientos .....	80
Sobre o Autor .....	81

## Prefácio

O mundo tornou-se num lugar tão vasto e numeroso que é capaz de produzir o mesmo filme em dois locais, próximos ou distantes entre si.

Se contarmos com a ironia da sua rota, é capaz de provocar esta sensação numa mesma pessoa.

A percepção da sua compreensão é incrivelmente lenta para as nossas mentes, por isso são necessárias várias voltas, e quando realmente chegamos a percebê-lo, somos sugados para o seu interior à espera do resgate há muito aguardado.

Cedo acordo e penso em correr ou simplesmente manter-me na minha cama pelo resto das horas.

Seria imprudente ou simples paranóia pensar que alguém distante ou próximo de nós partilhasse a mesma delícia de pensamento?

Qual seria a probabilidade de eu quebrar um copo às doze horas, cinco minutos e vinte segundos, e na sintonia do relógio, um outro ser estivesse a praticar o mesmo acto? Em causa não estaria propriamente o gesto, mas sim, o destino do acto.

Se algum dia pensaste em estudar esta possibilidade ou se aproveitarem algumas horas estudando-a, respostas poderão obter, mas conclusões serão remotas à questão pensada.

Cada história é um pedaço da vida e cada vida tem por completo a sua história, desde a sua ínfima forma até as duas possíveis manifestações da vontade. Ambas se consideram neutras, dada a forma como funcionam, podem ser respeitadas no lado direito e condenadas no lado oposto, ou vice-versa, sem deixarem de coexistir.

É este “sim” e o outro “não” que mudam e coincidem em torno do espaço que habitamos.

Assim, as nossas histórias resumiram-se nesta linha a preencher.

# Capítulo 1

*Estou sentindo!*

*Meus neurónios estão se formando, consigo pensar!*

*Já lá vão 15 segundos da minha existência.*

*O mundo aqui é tão lindo. Os acontecimentos obedecem o ritmo do desenvolvimento. Não os vejo, mas posso senti-los. Estou feliz por estar vivendo.*

*Sinto-me tão feliz por fazer parte desta família. Quero vê-los, abraçá-los, chorar por um abraço, um beijo, um carinho... Quero chorar por um pai e uma mãe.*

*Eu existo... Que feliz estou!*

*Quem me dera pular, dar uma gargalhada bem alto para eles ouvirem e estarmos todos felizes. Como será a minha mãe?*

*Ela deve ser linda, aposto que todos a adoram. E o meu pai?*

*Deve ser forte e também muito bonito, afinal de contas ficou com a minha mãe.*

*Quando eu nascer vamos sair abraçados, passear muito e vou agarrar-me sempre a eles, porque são os meus pais.*

*Sinto que estou chorando, não são lágrimas de tristeza, mas de felicidade.*

*Estava esquecendo os meus avôs?*

*Imagino que devem ser as pessoas mais alegres e carinhosas do mundo. Eles cuidaram dos meus pais quando ainda eram como eu.*

*Vou dar muitos beijos neles, não vão entender nada. Será a minha forma de demonstrar o quanto estou feliz por terem deixado os meus pais viverem. Por os terem educado com sabedoria, pelo amor que lhes deram e por todas as vezes que eles precisaram de apoio, de um ombro e corpo amigo, de uma mãe e um pai.*

*Eu amo muito os meus avôs. Quero conhecer todo mundo e abraçá-los muitas vezes.*

*O que será que está lá fora? Como será o mundo da mamã e do papá?*

Do outro lado da vida, nas bandas do distrito do Margoso, junto a famosa praça do Xabá, os constantes desentendimentos já deixavam dona Celina agastada.

— Aonde vais, filha?

— Vou sair mãe, podes por favor não me incomodar!?

— Fatucha, volta aqui!

— Deixa-me em paz, mãe!

Minha vida é um inferno!

Quem me dera sumir, ir para bem longe daqui. Ir para um lugar onde ninguém me conhece e começar tudo de novo. Sinto tanto a sua falta, pai, só você me compreendia.

Saberias o que me dizer nesta hora. Prometeste que irias à minha busca no concerto.

Não cumpriste a tua promessa e agora está doendo muito, pai.

Depois de mergulhada em seus pensamentos, o autocarro da escola chegou. Tentava disfarçar suas lágrimas, como se tivesse algo nos olhos.

— O que se passa Tucha, por que choras?

— Não, quê isso, Kiame? Apenas entrou algo nos meus olhos.

Sua amiga Kiame, sabia muito bem que ela chorava pela falta que sentia do pai. Sabia também que Fatucha, carinhosamente chamada de Tucha, era demasiado orgulhosa para admitir isso.

Não queria que ninguém olhasse para ela com pena. Aparentava ser uma rocha, mas no fundo sabia que não podia com tudo aquilo, pois era uma verdadeira esponja que absorve a água, e um dia precisaria expurgá-la.

Durante a aula, Fatucha perdia-se no caminho da tristeza. Seu desinteresse por aquela aula, fazia com que o professor a escolhesse sempre para ir ao quadro.

Algumas vezes acertava, outras vezes era um autêntico desastre e parecia que fazia de propósito.

O professor tentava entender a sua perda, mas aquilo já estava se esticando por muito tempo e mandou chamar sua mãe. O que a propósito, explicava aquela saída repentina de Fatucha, pois sua mãe tinha gritado com ela toda a noite e ela parecia nem estar no seu corpo.

Mal tocava para saída, já estava correndo em direção ao lago onde costumava ir com o seu pai.

Ficava lá cerca de duas horas, olhando apenas para a água, depois voltava para casa e trancava-se no quarto.

Assim eram os dias de Fatucha, o que deixava muito preocupada dona Celina.

Mulher de quarenta e cinco anos, perdera o marido num trágico acidente e só podia contar com Deus para sobreviver.

Trabalhava numa fábrica de consumíveis no distrito da Bela Vista, onde embalava as frutas e verificava a qualidade. Não era um trabalho de grande calibre, mas já permitia pagar as contas e as propinas da escola de Tucha.

Ambas sofriam muito com a perda, era o sétimo mês sem ele.

Dona Celina percebendo que sua filha já se encontrava em casa, subiu para o quarto na tentativa de conversar com ela.

Assustou-se e perdeu as forças quando encontrou uma placa na porta com a mensagem "*Não me chateia, estou estudando!*"

Visto que estava estudando, tentou não perturbar, já que eram raras as vezes em que ela pegava nos livros.

Porém, do outro lado da porta as coisas não eram tal e qual ela mencionou na placa. Tinha realmente feito uma leitura básica da matéria, mas já se encontrava com outra coisa na mão.

Um teste de gravidez!

Era verdade, mas não queria acreditar. Estava grávida! Dentro de si crescia uma vida.

## Capítulo 2

— Então meu! Vamos cair na noite?

— Nada meu, combinei que iria ajudar a Ucha com o trabalho de matemática.

— Estás mesmo apanhado por esta miúda. Só espero que realmente façam o trabalho de matemática e não outro trabalho.

— Cala-te lá... Meu zé. — Meteram-se ambos na gargalhada.

Artur, rapaz de sonhos e algumas ilusões próprias da idade. Estava cursando Direito e tinha um lugar reservado na firma do seu pai, que era seu maior fã e primeiro publicitário do seu talento.

Sua mãe controlava as meninas que se aproximavam dele, com bastante rigor. Dizia que as mulheres quando sabem o potencial de um rapaz, vêm como abelhas para sugar o doce mais doce das flores.

Não se engraçava com nenhuma, nem mesmo com a namorada do filho. Dizia que ela só estava com ele porque não tinha onde comer.

Artur naquele momento só conseguia pensar numa coisa, na primeira noite que passou com a Ucha, como carinhosamente a chamava.

Parecia que estava no céu, porque ela há muito que resistia suas investidas. Não via a hora de vê-la, estava tendo um sentimento verdadeiro por ela, ao contrário do que sentira pelas suas ex-namoradas.

Com a Ucha era diferente, ela o compreendia e vice-versa. Ambos chamavam a razão um ao outro, e mesmo com as implicâncias da sua mãe, eles eram felizes.

Na verdade, não iriam ficar sozinhos no trabalho de matemática porque os colegas da Ucha estariam com eles. Artur tinha prometido ajudar-lhes, porque tinham bloqueado nas sucessões aritméticas.

— Olá, pessoal. Nas calmas?

— Oi, Artur. Estamos prontos!

— Boa.

Enquanto explicava com entusiasmo as sucessões, notou que Ucha estava distante e transparecia preocupação.

— Pessoal vamos fazer uma pausa, pode ser? — Sugeriu, antes de se focar nela — Ucha, o que se passa? Pareces distante.

— Não se passa nada, Artur.

— Não prestaste atenção às minhas explicações, nem riste das minhas piadas matemáticas.

— As tuas piadas não têm graça nenhuma e tu sabes disso.

Era verdade, Artur era bom a matemática e em quase todas outras especialidades académicas, mas no que dizia respeito a contar piadas, era péssimo. As pessoas olhavam para ele com um sorriso extremamente forçado, outros desviavam o olhar e mudavam rapidamente o rumo da conversa, só para não tentar contar a segunda.

— Sabes que só fiz aquelas piadas para ver se te animava!

— Estou bem, apenas preciso de ir para casa descansar.

— Está bem, eu levo-te.

— Não. Continua com a explicação, vou sozinha.

— Mas Ucha...

— Não insista, Artur, já disse que não.

Lá foi Ucha, deixando Artur sem perceber nada.

No seio da sua mãe, a pequenina continuava eufórica nos seus pensamentos, e expectante com a ideia de um novo mundo diferente daquele lindo local.

*Meu Deus! Não pode ser real, ela tocou-me. Penso que já sabe da minha existência, pude sentir os seus dedos quando passaram pela barriga.*

*Ela deve estar muito emocionada, tal como eu!*

*Tudo está correndo bem, meu corpo está desenvolvendo a cada minuto, ainda que seja um desenvolvimento insignificante. Mas é o somatório desses momentos que concluem o meu desenvolvimento.*

*É ela que me alimenta, me guarda neste mundo belo e aos poucos vou conquistando o meu lugar.*

*O corpo dela a cada segundo vai se apercebendo da minha existência e faz com que eu me sinta em casa.*

*Lar doce lar.*

*Todos os dias, aprendo algo sobre o meu desenvolvimento. Estou me habituando ao meu mundo.*

*Todas as horas calculo a posição ideal para me confortar e incomodar menos a minha querida mamã. Os glóbulos passeiam e acenam para mim. São os meus guardiões, os defensores contra tudo que é nocivo ao meu desenvolvimento.*

Fatucha acordou maldisposta e enjoada. Os vômitos já se tornavam constantes e não podia evitar. O encontro com o doutor simplesmente iria comprovar aquilo que já sabia.

A dúvida fez-lhe ter certeza de que uma vida estava no seu ventre. Ficou sentada no seu quarto, apreciando cada detalhe.

Sua banca toda desarrumada, do jeito que ela odiava, e o quarto estava escuro como o eclipse do sol. Os raios tentavam atravessar as janelas, mas a esponja absorvia tudo, como se de água se tratasse.

Sentada na cama, contemplava de longe a fotografia do pai e a foto da sua família. Lembrava os momentos felizes que viveram e uma enorme paz como a brisa e o suspiro de alívio, envolveu seu semblante.

Estava num dos piores momentos da sua vida.

De repente, como se por alguém fosse ajudada, resolveu levantar da cama e ir à escola. Não queria que sua mãe a julgasse novamente por faltar às aulas.

Não era notável, mas seu pensamento fazia-lhe perceber toda a diferença possível.

Quando se preparava para abrir a porta do quarto, eis que alguns segundos de hesitação envolveram suas mãos. Lá estava ela, com uma mão na mochila e outra na porta como se fosse uma balança, cujos pesos desiguais demonstravam o desequilíbrio na sua vida, os meses posteriores e precisamente aquele momento.

Depois de alguns segundos de imensa indecisão, finalmente conseguiu girar o manípulo da porta e saiu para a escola.

Sua vida perdeu sentido e cada vez mais se sentiu só, mesmo entre outras pessoas. Na hora do intervalo, sentou-se no pátio, puxou da pasta o iPad e deixou-se levar pela melodia estrondosa que ele emitia.

Artur encarou-a de longe até resolver se aproximar. Percebeu que ela parecia distanciar-se das pessoas.

— Então miúda, o que se passa? Pareces distante de todos.

Num gesto metódico e calmo, como se escondesse a sua ira por ter sido interrompida, e para não levantar mais questões, respondeu num tom sério e irónico.

— A aula foi muito chata hoje. Não achaste? Será que pode piorar?

— Ok. Já percebi, não quero interromper o teu estudo. Fico feliz que estejas bem depois de tudo o que aconteceu. Vou para a minha turma.

Quando Artur a deixou, sentiu-se aliviada, mas ao mesmo tempo triste porque queria falar sobre o que estava a passar.

Segundos depois, o sino tocou e diferente do resto do pessoal que se dirigiu para sala, Fatucha foi em sentido contrário, dirigindo-se mais uma vez para o lago.

Lá ela pensava encontrar-se, conseguia sentir o seu “eu”.

Do outro lado da margem havia duas árvores. Juntas formavam uma baliza como se fosse um portal para a concretização de todos os seus sonhos.

Diante de todo aquele silêncio, seus pensamentos flutuavam na alegria da imaginação e do encanto.

Sua entrega ao local era tão profunda, que assim que fechava os olhos, podia entender os desígnios da vida.

Enquanto permanecia naquele lugar, na sua sala de aulas, o professor questionava sobre a sua ausência e ninguém conseguia responder.

Artur, que tivera falado com ela, percebera agora que algo se passava.

O dia foi passando, e com ele, Fatucha escondia-se no mundo do desvio da preocupação.

Após o final da aula, Artur continuou preocupado com a Fatucha. Porém nada fez, resolveu dar-lhe espaço para respirar e só depois iria ter com ela.

## Capítulo 3

Quando chegou a casa, foi logo recebido por fortes elogios do seu pai.

— Então, como vai o futuro da minha empresa?

No início, os elogios agradavam-no, mas depois fizeram com que começasse a sentir o peso de não corresponder as expectativas, que em si estavam sendo depositadas.

Após um banho relaxante para aliviar o cansaço, resolveu ligar para sua amada.

Ao levar o telemóvel à orelha, ouviu o zumbido que indicava a chamada. Contudo, foi simplesmente isso e nada mais do que podia esperar. Pensou onde ela poderia estar, mas não quis parecer um maníaco preocupado e resolveu esperar pelo retorno das chamadas.

Finalmente após cinco horas esperando, eis que o telemóvel tocou. Logo levou-o à orelha, e meteu-se a falar:

— Amor!

Do outro lado, ouviu-se uma gargalhada parva. Percebeu logo que se tratava de Quimbuto, pois era o único que conseguia rir daquela forma bastante irritante e muitas das vezes sem nexos.

— Diz logo o que queres e deixa-me em paz!

— Calma, rapaz, só estava colorindo o ambiente escuro em que me pareceu estares mergulhado. Tens problemas com a tua miúda? Não digas que não, porque esperavas receber a chamada dela e não a minha.

— Não, Quimbuto. Tá tudo bem, só preciso falar com ela.

Artur não gostava muito de falar da sua vida sentimental com os amigos. Assim que terminou de falar com Quimbuto, tentou ligar para ela outra vez. Mas não teve sucesso porque sua mãe apareceu à sua porta.

— Precisamos conversar, menino!

— Oi, mãe. Não pode ser em outra altura? Estou me preparando para resolver alguns exercícios.

Artur sabia do que sua mãe havia de falar. Todas as semanas, tirava um dia para avisar sobre como as meninas iriam atrapalhar o seu futuro, e do seu descontentamento com a namorada do filho.

Sua desculpa não adiantou nada, pois mal ele terminou de falar, ela já estava em seu quarto, sentada na cama e dando início ao discurso que a caracterizava.

Só que desta vez acrescentou algo que iria perturbar um pouco mais a sua vida.

Convidei a minha afilhada Merlina para vir passar as férias e terás que fazer as honras da casa, mostra-lhe os lugares mais bonitos.

Artur e Merlina cresceram juntos e tiveram um namorisco de criança.

Mal acabou o seu discurso, saiu do quarto, não dando tempo a Artur de pelo menos expressar a sua opinião.

Não quis pensar no que aquelas férias poderiam ser. Pegou novamente no telefone para falar com a namorada.

Desta vez não teve que esperar pelo toque final. Ouviu uma resposta do outro lado da linha, mas não era a voz dela e isso ele percebeu rapidamente.

— Boa noite, Sra. Lina. Posso falar com a Ucha?

— Não vai dar, filho. Ela chegou cansada e já está a dormir.

— Está bem, tenha uma boa noite, Sra. Lina.

— Obrigada, meu filho, para si também.

Suas mãos deram início a sua característica mais denunciadora de todas, a ansiedade!

Nada podia fazer, a não ser esperar pelo dia de amanhã para conversar com ela e entender o que se passava.

Resolveu então deitar-se para que o dia seguinte chegasse cedo. O relógio marcava apenas sete horas e quinze minutos da noite. Na sua cama, fechava os olhos, mas o barulho da música que o seu pai escutava era o despertador ideal a cada 10 minutos.

Quando finalmente caiu no sono profundo, uma hora depois, o despertador real buzinou em seu ouvido e não teve outro remédio senão levantar-se e ir à escola.

*Hoje me sinto fraca, estou sem forças.*

*Não me alimento há dias. Sinto que a minha mãe não está bem, não consigo entender o que realmente se passa.*

*A vedação que me protege contra os agentes nocivos está a perder consistência, consigo vê-los e eles a mim.*

*Mas não é só a fraqueza que me meteu assim, sinto quando a minha mãe toca em mim, mas ainda não senti o toque do meu pai.*

*Será que ele não sabe que eu existo? Ou será que mesmo sabendo não se importa comigo?*

*Estarei delirando por causa da minha fraqueza ou estou realmente raciocinando?*

*Tudo está tão confuso ao meu redor, não consigo sentir a minha existência.*

*Oh não! Os agentes nocivos deram conta da minha fragilidade e dirigem-se para cá. Posso senti-los cada vez mais perto, como assaltantes da arca perdida, liderados pelo rei dos quarenta ladrões.*

*Tenho que me esforçar para poder transmitir alguma força à minha barreira, tenho que ser corajosa assim como os meus pais.*

*Não sei se conseguirei, estou muito fraca.*

*Preciso de ti, mamã!*

*Tenho que fazer algo para que ela perceba do perigo que estou correndo. Se eles tocarem em mim, não sei o que poderá acontecer. Não estou suficientemente forte para resistir.*

*Tenho medo. Tenho muito medo mesmo!*

*Mas não posso desistir sem antes tentar... Que Deus me guarde. Sinto que estão mais próximos, oh não eles chegaram!*

*Mamã!*

## Capítulo 4

— Tucha, minha filha, o que se passa contigo? Já faz tempo que não comes, vives trancada no teu quarto e não me deixas falar contigo.

Enquanto ela falava, Tucha saiu correndo como os duzentos e vinte por hora do *JeTour X70*.

A caminho da paragem, de cabeça para baixo, lá estava ela. Fraca por não se ter alimentado, por não ter falado com ninguém acerca do seu estado e por não ter seu pai ao lado dela.

Caminhou, fraca e calmamente até a paragem. Seu corpo estava presente na sala de aula, mas seus pensamentos estavam longe, como que perdidos no labirinto do senhor Fauno das famosas crónicas de Nárnia.

Sua amiga Kiame tentava desviar a atenção do professor, para que ele não percebesse a total desatenção de Tucha.

Assim que a aula terminou, Tucha foi a primeira a sair da sala e esbarrou com Artur na porta. Ele mal conseguiu falar, porque ela ia disparada, deixando-o ainda mais confuso do que já se encontrava.

Tucha dirigiu-se para a lagoa e cercada da água da lagoa e do seu próprio rosto, pegou no telefone e escreveu para o seu namorado: preciso de ti, estou na lagoa.

Enquanto se desfazia em lágrimas eis que alguém chegou ao local e tocou em seu ombro.

Por alguns instantes conteve-as, e lentamente foi virando seu rosto para o pai daquela criança.

Não sabia por onde começar, estava assustada e frágil.

Olhou no fundo dos seus olhos tentando buscar forças e depois abraçou-o.

Permaneceram ali abraçados cerca de dois minutos, sem nenhuma palavra e algum gesto adicional. Conservariam aquele abraço para futuras lembranças. E no silêncio do momento, uma voz gritou o mais baixo que podia.

— Estou grávida!

O abraço acabou naquele instante. Ele olhou nos olhos dela e Tucha repetiu:

— Estou grávida!

Ambos eram jovens e não sabiam como podiam lidar com aquela situação. Olharam um para o outro e imaginaram toda a sua vida até aquele momento, e tudo aquilo que alguma vez sonharam ou pensaram fazer. Passariam por grandes mudanças.

Nem uma só palavra conseguiu proferir, até o momento que suspirou e tocou no rosto dela de forma suave.

— Desculpa, mas não sei o que dizer.

Não era bem esse apoio que ela tinha em mente e saiu outra vez a correr.

— Espera, Tucha, estou assustado! — Gritou ele.

Mas ela já estava longe.

Enquanto corria, não pensava em mais nada, queria esquecer tudo, a gravidez, a conversa, a morte do pai... Tudo.

Correu, até que começou a sentir-se mais fraca além do que já estava e as forças que a acompanhavam, já se tinham esgotado.

Sua mãe estava preocupada e tentava insistentemente contactá-la. Mas não recebia nenhuma resposta.

Ela não foi para casa e do seu paradeiro naquele momento, apenas Deus e ela sabiam. E assim ficou durante algum tempo.

Assim que chegou a casa, Artur não podia acreditar no que acabava de escutar, estava simplesmente sem reacção.

*“Ser pai... Onde ficam os meus sonhos?”* — Pensava.

Trancou-se no quarto, tentando raciocinar tudo. *“Será que minha mãe tinha razão e ela armou isso para garantir o seu sustento?”* — Continuava a reflexão.

Naquele momento, apenas pensava em si. O facto de ser o centro das atenções de tudo e de todos, não o permitiu enxergar a situação. Pensava ser o mais importante naquele momento e o que precisava de toda atenção.

Cansado de tanto pensar em si, foi lavar o rosto e quando olhou para o seu reflexo, declarou:

— Não posso ser pai agora!

Continuou matutando:

*“Não posso perder a minha juventude tão cedo, ainda tenho muita coisa a fazer. Um filho agora iria acabar com todos os meus projectos, não estou preparado para ser pai. Não sei mais o que pensar, isso estragou por completo a minha vida.”*

Artur pensava somente em si e esquecia do principal, a criança que estava crescendo no ventre da sua namorada.

Foi ensinado a pensar primeiro em si e não nas consequências que seus actos iriam trazer na sua vida, e que a solução deveria ser aquela que menos constrangimentos pudesse provocar.

Era assim que pensava, mas não acreditava totalmente neles. Estava totalmente perdido com a notícia e já nem sabia o que era certo, e o que podia estar completamente errado.

Não muito distante de casa, Tucha abriu os olhos e notou que estava num posto médico. Sentia-se melhor deitada naquela cama do que quando estava andando, e percebeu que tivera sido bem tratada.

Com a porta semiaberta, podia ver o movimento branco no corredor e ouvir os passos e conversas relâmpago dos ocupantes daquele lugar.

De repente, o doutor entrou acompanhado de sua mãe, para o espanto da jovem.

— Ainda bem que acordou, menina. Estavas muito fraca quando aqui chegaste, mas tratamos de ti e já poderás ir para a casa daqui a mais algumas horas. A tua mãe quer conversar contigo.

Tucha sabia que sua gravidez já não era segredo algum para dona Celina, e por isso, antes mesmo que a mãe dissesse algo, ela resolveu falar.

— Tive medo, mãe. Não estou preparada para ser mãe.

Enquanto falava, a tristeza consumia seu coração e seus olhos manifestavam-no.

— Desde que o teu pai morreu, tenho tentando ser uma rocha para suportar a sua ausência. Confesso que essa rocha que criei te afastou de mim. Ele era tudo para mim, mas tu és a minha vida. Me fechei, não partilhei a minha dor contigo e não te abracei no momento que mais precisavas.

Tucha ouvia a mãe confessar.

— Quando descobri que estava grávida de ti, não imaginei como iria ser daí em diante. Não tinha noção do que era ser mãe e filha ao mesmo tempo. Quero que saibas que, apesar de tudo parecer um desastre, estou contigo e vamos cuidar desta criança.

Após desabafar com a filha, sorriu graciosamente e abraçou-a.

Enquanto regressavam para casa, sua mãe perguntou sobre a responsabilidade do namorado da filha.

— Não sei, mãe. Simplesmente me disse que não sabia o que dizer.

Sua mãe não gostou nada do que ouviu, mas não queria deixar a filha mais nervosa e achou por bem resolver as coisas mais tarde.

— Teu tio André vai passar um mês em nossa casa, veio resolver algumas questões ligadas ao terreno que pode nos ajudar muito em termos financeiros.

André era o irmão menor do seu pai, o último da linhagem e às vezes conseguia ser bem controlador.

— E, querendo ou não, ele terá que saber que estás grávida. Estaremos do teu lado, mas não vamos passar uma borracha por cima do teu erro. E o rapaz terá de assumir esta criança. — Acrescentou.

Quando chegaram a casa, o tio esperava por elas.

— Como está a minha sobrinha preferida? Não podes dar muitos sustos à tua mãe.

— André, ela precisa descansar, depois conversamos.

— Tudo bem. Bons sonhos, Tucha.

Apenas queria dormir e esquecer aquele dia. Quando deitou na cama, teve de novo um momento para reflectir. Enxergava os objectos do seu quarto com maior delicadeza, imaginando como seria cuidar do seu filho.

Nunca tivera tido tempo para pensar no depois. Pensar como seria o pós-parto, metia-a apavorada porque carregava sozinha o peso da mudança da sua vida.

Apesar de nem tudo estar resolvido, sentiu-se viva e teve um sonho simplesmente delicioso como pequenas gotas que caem do céu convidando a sentir a sua presença.

Após algumas horas de sono, notou que alguém estava diante dela e acariciava seu cabelo. Deixou-se ficar imóvel por alguns instantes e deliciar-se do momento. Aquele momento fazia-lhe lembrar seu pai, que às vezes, entrava no seu quarto e acariciava o seu cabelo.

De repente, uma lágrima emigrou dos seus olhos e ela disse:

— Sabes mãe, tenho saudades do pai.

Voltou-se então para abraçá-la e eis que a imagem que viu assustou-lhe.

— Pai! — Exclamou Fatucha.

## Capítulo 5

Despertou e notou que se tratava de um sonho. Seu pai não estava com ela, apenas a lágrima em seu rosto emigrou do sonho para a realidade. Voltou a encolher-se na cama e dormiu.

*Depois do susto que levei, as coisas estão mais calmas por aqui. Meu espaço não sofreu mais ameaças após aquele ataque, e os que me guardam aumentaram o nível de segurança.*

*Já não sou aquela pequenina de antes, sou a pequenina de agora. Mais forte e com pensamentos e convicções também mais fortes. Já sinto a minha mãe tocando em mim várias vezes. Pena que não posso dizer o mesmo do meu pai, o que ainda me deixa um pouco preocupada.*

*Será que ele está com dói-dói e não me pode tocar? Ou simplesmente não quer saber de mim?*

*Tento não pensar muito nisso, porque as dúvidas me deixam fraca. Sinto uma forte ligação com a minha mãe para além do cordão que nos une. É algo poderoso e nem sei se consigo explicar.*

*Penso no mundo, todas as noites sonho com ele. Oiço minha mãe falando do vento, da chuva e a música é maravilhosa.*

*Ontem sonhei com a chuva, não sei se é o real, mas era do jeito que eu imagino. Estava deitada num campo, era grande e muito verde.*

*Vi seres lindos voando e pensei em liberdade. A cada minuto, uma cor e a liberdade pareceu-me sorrir em forma de cor. Depois dessa imagem senti algo forte no rosto. Penso que eles também o sentiram, mas continuaram o seu caminho e o verde que me rodeava pareceu-me ouvi-lo nessas palavras:*

*“Sou a vida, cor, sorriso e não posso deixar-te sozinha”.*

*Depois daquele instante um forte barulho ouviu-se do céu e senti uma gota de água na direita da minha face. Após ela, seguiu-se outra e do campo ouvi risos de alegria a cada gota caída.*

*Já não se tratavam de uma ou duas gotas, eram milhares e estavam por todo o lado e o sorriso no campo aumentou assemelhando-se à música.*

*Durou cerca de duas horas ou mais e continuei ali até que, pouco a pouco, cada uma foi deixando de cair até se resumir à uma gota.*

*Então, do céu vi nascer sete cores que formaram um semiarco e brilhavam como tudo, e do campo ouvi novamente uma voz que dizia: obrigado. Foi então que despertei e percebi que estava sonhando e sorri para mim mesma.*

*Será que a mamã ouviu?*

Artur não conseguiu pregar o olho pensado na possibilidade de ser pai. Seu telemóvel tocou e ao atender notou que falava com Quimbito e sem mais esperar disse logo:

— A Ucha está grávida!

— Bro, como é que deixaste isso acontecer?

— Eu sei, foi um erro não ter usado camisinha. As coisas aconteceram tão rápido que não pensei mais nisso.

— Agora tens muito em que pensar companheiro, e rápido!

— Como assim? Não te entendo.

— Meu tio tem uma clínica no Sambila, leva a miúda para lá e ele faz isso de forma rápida sem precisar pagar nada, pela nossa amizade.

— Tirar o bebê? Não pensei em ir tão longe.

— Ainda nem é um bebê, não come, não fala, não pensa. Ir longe é deixar esta coisa nascer e depois complicar a vossa vida. Teus estudos acabarão, terás de trabalhar para três, isso se não forem gémeos ou trigémeos. Ficarás agarrado a uma única miúda para toda a vida. Não estragues a tua vida, meu.

Artur ouvia atento o outro lado da chamada.

— Imagina o teu pai, és o orgulho dele e ele ficará muito desiludido, é capaz de afectar o negócio dele, e tu sabes como os sócios são conservadores.

— Eu sei, mas só que... Tem a Ucha e não sei se ela vai concordar. Nem eu mesmo sei se concordo.

— Toda mulher gosta de presentes, promete-lhe coisas e mostra o quanto isso também vai afectar a vida dela, mas depois disso terás que a deixar.

— Deixá-la?

— Bro, uma vez foi ingenuidade. Da próxima ela vai querer engravidar e vai armar ciladas. Elas ficam muito sensíveis depois disso e a dizer que estão arrependidas. Será um fardo para ti.

— Quimbitto, isso é muita coisa para mim, nem sei o que pensar.

— Não pensa, tu és um tipo inteligente, mas da vida e mulheres não sabes como é que as coisas funcionam. Escuta o que te digo!

Quimbitto já teria dois filhos se não tivesse obrigado suas namoradas a abortar, e havia rumores de que seria pai de um menino. Mas ele negou sempre e as coisas acabaram por ficar como estavam.

Artur sabia que ele não era um grande amigo, mas sabia que de todos, era o único que já tinha passado por uma situação idêntica e não apenas uma vez. Por isso não ignorava por completo as possibilidades por ele sugeridas.

Não queria estragar sua vida, nem tão pouco comprometer os negócios do seu pai. Resolveu então ir falar com a Ucha.

Como era sábado, pegou no carro e ligou para ela para se encontrarem e conversarem acerca da gravidez. Enquanto conduzia, escolhia as palavras certas para a convencer.

Quando chegou ao local combinado, Ucha ainda não estava lá, então aguardou, mas a cada minuto que passava, mudava o seu discurso.

Quinze minutos depois, Ucha estava no local.

— Oi, amor. Estás bem? — Perguntou o rapaz.

— Sim, estou bem.

— Me desculpa por ter reagido daquela forma. Tenta entender que eu não estava preparado para ouvir aquilo, foi um choque para mim. Mas durante este

tempo, pensei muito e... Olhei para as nossas vidas. Três semanas atrás tudo era maravilhoso, tínhamos os nossos sonhos e sabíamos que seria fácil concretizá-los.

Tucha apenas olhava, calada.

— Eu trabalhando na firma do meu pai e sendo alguém notável e você sendo uma grande historiadora revelando mistérios escondidos há séculos. São os nossos sonhos, Ucha, aquilo que nos torna fortes e que nos dá força para sermos quem somos.

Artur continuou com seu discurso cujo desfecho já se podia imaginar...

## Capítulo 6

Era sábado e Tucha não parava de pensar no que tinha escutado. Seu namorado pediu-lhe que interrompesse a gravidez, e as coisas que disse não estavam de todo erradas. Tucha sabia que sua vida não seria a mesma se esta criança nascesse, sentia-se confusa, não sabendo se devia abortar a pequenina.

Apesar da sua mãe apoiar-lhe, sabia da situação em que se encontravam e uma criança seria um peso a mais.

Sabia que se fizesse aquilo não iria contar com sua mãe, e teria que arquitectar tudo muito bem para que pudesse parecer natural.

Não podia contar a ninguém sobre a gravidez, nem mesmo à sua melhor amiga. Parece que as férias tinham vindo em boa hora e aproveitou o facto de Kiamé ter ido passá-las em casa dos avós. Mas quando falava com ela, não conseguia disfarçar a sua voz de preocupação e quando questionada, inventava uma dor qualquer e mudava logo o rumo da conversa.

Seu namorado tinha sonhos e ela também, e com esta criança teriam de desistir deles e concentrar-se somente nela. Não tinha muito tempo para pensar porque a cada segundo, minuto e hora as coisas poderiam ser mais complicadas para eles e mais favoráveis para a criança.

Quando chegou à casa, sua mãe perguntou-lhe sobre o que tinha conversado com o pai da criança.

— Ele disse que vai assumir a criança. — Respondeu Tucha.

— E quanto aos pais dele?

Tucha engoliu saliva e voltou a falar olhando para tudo quanto era canto.

— Apoiaram-no. Os pais dele vão dar todo o apoio também.

— Como vocês são menores, vou conversar com eles porque depois de algum tempo vocês terão de fazer o pedido e depois o casamento para viverem como uma família.

Tucha ficou apavorada com aquelas palavras e mostrava-se um tanto inquieta em sua cadeira.

— Eles viajam amanhã para Cabo Verde. Têm um contrato para assinar há já algum tempo e... Mas assim que eles voltarem, conversaremos todos.

Do jeito que mentia, dava a impressão de que já tivera tomado sua decisão.

— Conversei com o teu tio e ele a princípio ficou um pouco desmoralizado, mas disse que podemos contar com ele.

— Ok, mãe. Vou para o meu quarto descansar.

Tinha sido a maior mentira que já tivera dito a sua mãe, e não se orgulhava nada daquilo.

Em seu quarto ficou chorando, como uma espécie de arrependimento prévio por aquilo que pensava fazer.

Assim que ligou o televisor para tentar se distrair, por ironia dos acontecimentos, o único canal que apresentava era o “baby tv” e ensinava algumas técnicas de relaxamento.

Então a imagem de um bebê fixou no ecrã e isso fez-lhe pensar, como seria lindo cuidar do seu filho. Mas foi apenas um pensamento, continuava com a ideia de abortar.

Então veio a noite e se avistava o despertar da manhã.

*Depois de uma noite tranquila, um sentimento estranho volta a instalar-se no meu coração cujas batidas navegam em minha direcção.*

*Minha mãe transmite uma grande insegurança para mim. Sinto que é algo maior do que o último acontecimento.*

*Se ao menos eles me pudessem ouvir. Meu mundo disse-me que aos poucos eles iam percebendo os meus sinais, mas parece que ainda não chegou a hora.*

*Eu deveria estar aos pulos porque a cada segundo que passa estou perto de ver os meus pais. Mas não me sinto assim. O medo deles passou a ser o meu, as suas inseguranças passaram a ser minhas.*

*Conforme partilham comigo as alegrias, as tristezas seguem o mesmo rumo e chegam a doer muito. Muito mesmo!*

Tucha levantou cedo e parecia que já tinha tomado uma decisão.

Dirigiu-se ao banheiro, tomou um banho quente e prolongado como se hesitasse da decisão tomada. Enquanto enxugava seu corpo, por alguns instantes parou a mão sobre a barriga e acariciou-a.

Ficou assim algum tempo, como se tentasse ouvir ou sentir qualquer coisa, e depois disso falou para si mesma:

— Ainda não pensa, não sente, não chora. Será melhor assim.

Vestiu e saiu de casa de mansinho para que sua mãe e seu tio não percebessem.

Quando estava saindo eis que seu tio estava no jardim e perguntou aonde iria.

— Vou a casa de uma amiga buscar uma recordação que a Kiame deixou.

— Eu posso dar-te uma boleia até lá.

— Não precisa, tio, é aqui próximo.

— Desta vez passa. Mas da próxima, eu te levo.

— Tchau tio.

Assim que atravessou o portão, suspirou de alívio e foi até a esquina onde combinara com o namorado. Quando avistou o carro, sentiu um grande receio em entrar no mesmo. Respirou fundo mais uma vez e entrou.

— Tudo bem, amor?

Tucha teimou em responder por alguns instantes, mas depois se acalmou um pouco.

— Estou bem, sim!

— Olha, depois disso, vai ficar tudo bem, eu prometo, meu amor.

Foram cerca de trinta minutos de viagem e seu coração acelerava à medida que se aproximavam.

Assim que estacionaram, Tucha tremia e não tinha forças para sair do carro.

— Estás bem, meu amor?

— É uma grande decisão... Será que estamos a fazer a coisa certa?

— Meu amor, não estamos prontos para ser pais. Será melhor assim.

Ajudada pelo namorado, Tucha saiu do carro, mas com muito receio e ainda um ligeiro tremer das mãos.

Logo à entrada da clínica encararam um cartaz que dizia “*O milagre da vida*” e nela a imagem de uma mãe com o seu filho ao colo.

Naquele instante, para além da sua mente, seu pé também começou a vacilar e tudo estava mais confuso.

Deu então um último suspiro e disse em voz alta para o seu namorado.

— Vamos despachar isso!

Quando chegaram ao consultório do doutor, o mesmo pediu que aguardassem porque estava tratando de alguém, que por acaso, recorria ao mesmo serviço.

Após alguns instantes, foram chamados e enquanto entravam, deram de caras com a menina que saía e seus olhos cruzaram-se. Aparentava ser mais nova e no fundo do seu olhar, podia encontrar um poço de tristeza. Sua mãe a acompanhava dizendo baixinho no seu ouvido: “*nem forma de uma criança tinha, era horrível*”.

Então a porta do consultório fechou-se e aquele local foi se distanciando cada vez mais e lá se foram as horas. Assim como os pássaros que voam pelo céu, o tempo correu pela terra e um grande grito de tristeza abateu-se pelas redondezas. Tão grande era o grito, quão triste era a imagem... Que ninguém sequer ouviu e jamais alguém viu.

Durante o resto do dia, os acontecimentos seguiram-se na normalidade e assim acabava o conto de fadas daquela triste manhã de quinta-feira.

## Capítulo 7

Depois de alguns dias, Artur ainda pensava no que tivera passado naquele dia. Queria esquecer por alguns instantes e resolveu alinhar numa saída com os amigos.

Quimbitto tinha ligado para ele de manhã convidando-o para irem à praia com os amigos, para desfrutarem melhor do sol escaldante do dia.

Artur pensou duas vezes, mas acabou concordando e como a afilhada da sua mãe tinha chegado ontem, resolveu ir com ela.

— Olá, família boa.

— Artur! Andas desaparecido, meu, não atendes o telefone. Onde tens andado?

— Como vocês estão vendo, eu ando na terra — sorriu levemente e após a sua pequena piada, deu continuidade. — Pessoal, ela é a Merlina, afilhada de minha mãe e uma grande amiga.

No meio da apresentação um dos amigos perguntou por Ucha, e Artur como que engasgado disse que ela não estava se sentindo bem e que ficaria em casa a descansar, e ainda acrescentou:

— Mais tarde estarei com ela e faço chegar a tua preocupação.

Seu amigo Carlos, o único solteiro do grupo, não tirava os olhos de Merlina, que não desgrudava de Artur.

Conversa mais bate-papo, risos mais gargalhadas, Artur resolveu dar um mergulho e foi logo como que perseguido, por Merlina e Carlos. Artur nadava bem, parecia filho de peixe, mas seu pai tinha horror ao mar. Só a palavra praia já o deixava maldisposto.

Artur afastou-se de Merlina e Carlos, ficando atrás de um enorme avistamento de pedras. Longe da visão de todos, ficou observando as crianças nadando e brincando com os seus pais.

Após uma grande onda, Merlina estava ao seu lado e lançou conversa.

— O que se passa, moço? Até parece que estás a fugir de mim.

— Não, Merlina, estou apenas a recuperar o fôlego.

— A tua namorada não devia deixar-te tão sozinho. Esta praia está cheia de meninas bonitas. Mas ela tem sorte de eu estar aqui a cuidar de ti para que nenhuma delas se aproxime.

E seguiu-se então outra onda e trouxe consigo Carlos e o resto do pessoal, metendo conversa e muita brincadeira.

Artur conseguiu, ainda que por pouco tempo, deixar de pensar nos acontecimentos recentes.

Apesar de risos e gargalhadas, ele sabia que as amigas de Ucha estavam de vigia e tudo o que fazia seria reportado a ela.

Fatucha estava no seu quarto, deitada na cama quando sua mãe bateu a porta desejando conversar com ela.

— Podes entrar, mãe, está aberta.

— Filha, os dias estão passando e o teu namorado ainda não veio aqui conversar comigo. As boas maneiras exigem isso, não é? Quando é que ele vem? Já que os pais não estão cá, ele devia ao menos vir aqui à casa conversar comigo.

Tucha suspirou fundo, sabia que sua mãe não iria de modo nenhum gostar do que havia de ouvir e quem sabe mesmo, olhar para ela de forma diferente. Tinha medo que sua mãe sentisse vergonha de si e que se afastasse ainda mais dela.

— Mãe tenho uma coisa para te contar. Espero que não me interrompas, independentemente do que ouvires.

— Estás a me deixar preocupada, menina. Fala de uma vez por todas!

Pensou em dar rodeios, mas sabia que isso só iria deixá-la mais nervosa e poderia nem acabar por falar. Por isso, resolveu ser mais directa e objectiva possível, ainda que muito lhe custasse.

— Na quinta-feira fui à clínica...

— Passasse algo com o bebê? Está tudo bem com ele? Por quê não me disseste para ir contigo?

Sua mãe disparou com perguntas preocupantes.

— Não, mãe! Droga!... Fui para tirar esta coisa dentro de mim.

O silêncio chegou, sua mãe levou as duas mãos à cabeça e uma lágrima acompanhou o gesto.

— O que foste fazer, minha filha?!

Enquanto lamentava o acto da filha, mergulhava também em choros e não conseguia olhar para o rosto dela.

— Calma mãe, deixa explicar. Ter um bebê agora vai estragar a minha vida, tudo aquilo que alguma vez sonhei, não alcançarei. Fui à clínica e acredito que não foi fácil para mim, não sou um monstro conforme estás a pensar neste momento.

— Tiraste a vida de uma criança, minha filha!

— Eu não tirei, mãe... Não tive coragem! — Gritou Tucha.

Era verdade. Fatucha não conseguiu avançar com a ideia.

Quando estavam no consultório prontos para dar início ao aborto, ela saiu disparada e dizia para si mesma que não podia fazer aquilo.

— Desculpa, filha... Eu não podia ter imaginado tal coisa.

A conversa estava longe do fim porque havia mais problemas por vir.

— Mãe, a verdade é que eu não quero ser mãe de um filho cujo pai disse para mim que não iria assumir, porque isso iria acabar com a vida dele, e ainda pôs a possibilidade de eu ter sido infiel a ele. Às vezes eu concordo com ele, esta coisa vai estragar a minha vida.

— Controla-te, menina, não se trata de uma coisa, mas sim do teu filho e quanto ao rapaz ele terá que assumir. Quando é que a família dele voltará?

— Desculpa, mãe, menti sobre a viagem. Eles não viajaram, tive medo, tenho medo. É a minha vida e o meu futuro.

— Filha, uma criança realmente vai alterar a tua vida, mas tenta não ver apenas o lado negativo, surgirão bons momentos e estarei sempre aqui para te apoiar.

Afastou-se de sua mãe e proferiu a última palavra antes de a pedir que a deixasse sozinha.

— O pai também prometeu que estaria sempre aqui, e agora nem a sombra dele existe.

Quando chegaram a casa, Artur encontrou os pais na sala e disse que precisava conversar com eles. Sua mãe começou logo com gracinhas:

— Então, resolveste deixar a tua namoradinha e assumir um compromisso com a Merlina!

Artur olhou para o teto e pensou como sua mãe se intrometia na sua vida.

— Não, mãe, nada disso. O que eu quero falar convosco é muito sério.

— Podes falar, filho!

— Eu... Engravidei a Ucha. Ela está esperando um filho meu.

Sua mãe assim que ouviu aquilo, começou logo a chamar nomes à namorada do filho e metendo dúvidas na sua cabeça.

— Como podes ter a certeza que o filho é teu?! Miúdas dessa laia envolvem-se com todos, esse filho não é teu! Não posso aceitar isso e tu não vais assumir a criança de outra pessoa...! Ainda te avisei, menino, deixa esta menina, só vai trazer problemas para ti. Mas não me ouviste, agora olha o que ela armou para ti.

— Calma, mulher. Não vês que assim perturbas mais o menino?

— Eu aviso já que se houver a hipótese de ser teu filho, não quero esta menina dentro da minha casa. Ela que não estrague o teu futuro.

— Devias ter tido mais cuidado, Artur. Quando os sócios souberem que terás um filho com essa idade, o teu futuro irá por água-abaixo, eles primam muito pela responsabilidade. — Comentou seu pai.

Foi então que sua mãe sem papas na língua disse num tom severo:

— Diga a ela para tirar esta coisa!

— Não, mãe, já pensamos nisso, só que ela desistiu na última hora e... Também acho que não quero matar o meu filho. Pensei em coisas que não devia, e acho que nunca devia ter pedido a ela para tirar. — Lamentava — Eu sei que vai mudar a minha vida, mas também tenho que pensar na criança e na Ucha. Eu posso começar a trabalhar em outro sítio, pai.

— Nem pensar, menino, está decidido, filho. Se ela não quer tirar aquela coisa, oferecemos dinheiro a ela para que cuide do seu problema sozinha e te deixe em paz.

— Mas mãe, eu amo ela e penso no meu futuro ao lado dela.

— Nem mais uma palavra, menino!! O teu pai irá tratar de tudo. Irá conversar com a família da moça e abafar o caso.

Artur queria assumir uma posição perante os pais, queria que eles respeitassem as suas convicções e decisões. Mas era demasiado frágil para iniciar uma batalha contra eles.

## Capítulo 8

Depois da difícil conversa que tivera tido com a sua filha, dona Celina explicou a situação ao tio da Fatucha. Ele percebera que não iria ser fácil para ambas e tinha que estar lá para apoiá-las, por isso adiou o regresso à casa.

Ligaram para o namorado de Fatucha e combinaram uma hora para conversarem juntamente com os seus pais.

Dona Celina foi bastante amável, convidando-os para que pudessem almoçar juntos, mas cínicos que eram, inventaram uma desculpa.

Quando o relógio marcava quinze horas e vinte e dois minutos, a campainha emitiu o seu som intimidador e seu tio foi abrir a porta.

Sentaram-se na sala. No cadeirão maior estavam Fatucha, sua mãe e seu tio e do outro lado, o seu namorado juntamente com seu pai.

Seu tio, como o homem da casa naquela altura, tomou a palavra. Começando a relatar os acontecimentos recentes na vida de Tucha até que chegou no ponto fulcral da sentada.

— Minha sobrinha e o seu filho não foram responsáveis e ela engravidou. Sei bem que isto é um grande desafio na vida deles pela idade que têm, mas devem encarar as coisas de frente e assumirem esta criança.

— Bem, o senhor sabe como são os jovens, a cada dia querem viver novas experiências e muitas das vezes acabam cometendo erros. São jovens, duas crianças. Meu filho tem uma vida cheia de sonhos e uma carreira promissora pela frente e acredito que a menina Fatucha também tem sonhos e um patamar a alcançar.

Dona Celina não estava a gostar nada das palavras daquele homem, e seria capaz de adivinhar aonde ele queria chegar por isso ripostou:

— Desculpa, senhor, mas aonde pretende chegar?

— Está bem, serei curto e objectivo. Nem o meu filho, nem a minha esposa e nem eu, queremos que esta criança nasça, para não atrapalhar o futuro dos meninos.

Seu tio indignado com a falta de vergonha daquele senhor disse:

— O senhor quer que ela aborte, metendo em risco a vida dela!

— Teria muito gosto em levá-la aos melhores médicos, dinheiro não é problema.

— Não acredito no que estou ouvindo, estamos a falar de uma vida, meu senhor! Minha sobrinha jamais cometerá um assassinato, ouviu bem! Devia ter vergonha na cara, meu rapaz, muita gente já teve que assumir responsabilidades com uma idade menor que a tua.

E não era mentira, o tio de Tucha tinha engravidado sua namorada com os seus quinze anos e mesmo sem o apoio da família, ele deu no duro e hoje tem uma bela menina.

Então, com maior descaramento, o pai de Artur voltou a falar.

— Cuidado com as palavras, meu caro. Bem sabíamos que vocês poderiam levantar essas coisas de moral. Se realmente amassem essa menina, saberiam que isto é o melhor para ela.

— Não me obrigue a expulsá-lo da minha casa! - Ripostou a mãe de Tucha.

— Já que insistem que ela tenha esta criança, exigiremos um exame de DNA para comprovar que realmente é meu neto. E por tamanha compaixão de nossa parte, enviaremos dinheiro para custear as consultas e as necessidades da criança. Mas com uma condição: a criança não poderá ter o nosso sobrenome!

Ainda ele falava quando o tio de Fatucha carregou sobre ele um murro e enquanto expulsava-o de casa, Fatucha enchia-se de lágrimas e olhava para o seu namorado.

— Esta criança terá todo o amor e cuidado que vocês jamais seriam capazes de dar mesmo que fossem os milionários do mundo. Ela não precisará de saber que teve um pai covarde.

*Eu sinto. Sinto pelas palavras, que meu pai não está comigo, mas não entendo o porquê, não entendo as razões.*

*Minha mãe está novamente triste. Também não entendo a tristeza dela, suas lágrimas, não compreendo a sua falta de sorriso, eu nem consigo sequer imaginar. As coisas estão perdendo a razão de ser, minha mente está se abalando e o que vejo, já não é tão nítido como antes.*

*Dentro de mim busco a razão das coisas e fora dela encontro o desentendimento total. Mas a realidade é uma, estou crescendo e o meu mundo não pode negar.*

*Hoje minha mãe voltou a tocar em mim. No embalo do seu toque, adormeci e esqueci completamente de tudo que me incomoda. Meu mundo tinha razão, já consigo me fazer ouvir.*

*Hoje pedi funje (hahaha) e ela ouviu, estava delicioso. Também hoje me foi revelada uma verdade. Assim que eu nascer tudo aquilo que aprendi será apagado, todas as memórias, todos os sonhos deixarão de existir.*

*Será um novo começo, o caminhar de uma nova estrada e o rumo de um novo viajante.*

*Assim funcionam as coisas, assim foram definidas as regras e assim têm de ser cumpridas.*

*Os sonhos continuam. Sonho com o mundo de lá, mas não sei se o que vejo é a realidade do mundo sonhado.*

*Até ontem era uma coisinha, mas já conseguia sentir o toque, sentia a minha existência e os perigos que me poderiam afectar. Hoje estou em constante formação, posso pensar com clareza e apesar de não saber a razão de certas coisas, sei que estou me tornando "mais eu".*

O dia não tivera sido fácil para Artur, teria sido o pior da sua vida. O dia em que deixou de olhar para si como um homem, e via-se como um monstro.

Amava-a e não imaginava sua vida sem ela. Percebeu que a tinha perdido para sempre. Ela nunca iria querer voltar a vê-lo, nem que estivesse pintado de ouro ou que tivesse a Mão de Midas.

Em sua mente passavam os bons momentos que tiveram. Suas brincadeiras, suas mentiras e verdades, e acima de tudo a promessa de que nunca a deixaria, não importando o que acontecesse.

Sentia-se como uma balança. Num dos lados estava a sua futura carreira e o nome da sua família, e do outro, o amor de Ucha e do seu filho.

Após aquela conversa tinha a certeza de que o filho era dele.

Estava angustiado e tinha que falar com seu melhor amigo, mesmo que seus pais tivessem pedido sigilo total. Quando acabara de contar toda a história, seu amigo não acreditava em como ele tinha sido cruel com a Ucha.

— Onde está aquele Artur que sempre nos chama a razão e é melhor do que todos nós juntos?

— Não sei... Não posso ir contra a vontade dos meus pais.

— Não, Artur... Não são os teus pais. És tu que não tens vontade própria.

Para além de perder a Ucha, estava a perder seus amigos. Estava a ficar louco com tudo o que se passava.

Merlina subiu para o seu quarto.

— O que se passa, Artur? Pareces muito triste, há algo que eu possa fazer?

— Não... Ninguém pode fazer nada. Eu não assumi o meu amor por Ucha e perdi-a. Ela está grávida e simplesmente não assumi o meu filho.

— Tens certeza que o filho é teu?

— Claro que é, se não fosse ela teria aceitado o dinheiro que oferecemos e não é só por isso. Ela nunca seria capaz de me trair.

— Se quiseres, fico contigo para não te sentires muito só.

— Agradeço o teu apoio Merlina, mas quero mesmo ficar sozinho.

— Posso ir falar com ela sobre os teus sentimentos e dizer que tu não concordas com nada que os teus pais dizem.

— Isso... Não seria mal. Farias isso por mim?

— Claro, eu gosto muito de ti e não posso te ver sofrer desse jeito.

— É muito bonito da tua parte, mas não. Deixa as coisas como estão.

Mesmo não querendo, Merlina acabou por ficar com Artur até que ele adormeceu.

## Capítulo 9

Agora estava só. Tucha seria mãe de um filho sem pai, e isso fazia-a vacilar algumas vezes sobre a gravidez.

Em sua mente já passaram as piores ideias, mas os constantes sonhos que tinha com seu pai faziam-lhe não seguir em frente.

Nos seus sonhos, seu pai apenas se fazia presente, sem nada dizer, como se um simples olhar daqueles olhos grossos chamasse à razão, mais do que mil e uma palavras.

A situação financeira estava se agravando em casa. A empresa onde sua mãe trabalhava não pagava há já dois meses, e estavam sobrevivendo com o dinheiro da poupança.

Seu tio teve que regressar mais cedo do que previa porque sua filha estava doente. Agora voltaram a ser somente as duas, e as dificuldades a atravessar.

O tempo foi passando e as cobiçadas férias tinham chegado ao fim. Não via o pai do seu filho desde aquele triste episódio em sua casa.

Ele ligava para ela, mas ela não queria ter nenhum tipo de conversa com ele. Seria melhor assim, porque o sentimento que tinha por ele ainda não se tinha transformado totalmente em ódio.

Agora, com o regresso às aulas, não conseguiria evitá-lo e o seu desprezo teria que ser maior do qualquer outro sentimento. O bom é que sua amiga tinha voltado. Mas o ruim de tudo, seria encarar as pessoas com aquela barriga que estava se afirmando cada vez mais.

Sua mãe tinha explicado que seria normal, as pessoas olharem para ela e admirarem e que não deveria deixar-se ir abaixo por isso. Não tinha confiança suficiente para encarar as pessoas. Se ao menos tivesse ele do seu lado, as coisas custariam menos, pensava ela.

De regresso às aulas, parecia que era o primeiro dia naquela escola e que todos seriam desconhecidos. Foi até à paragem e lá esperava o autocarro. Era o primeiro desafio.

Quando avistou o autocarro, seu coração e suas mãos pareciam trabalhar em sintonia de nervos. A porta abriu-se e o primeiro rosto a encarar foi o do motorista que a olhou com espanto durante cinco segundos, mas depois acenou para ela e sorriu.

Será que sorriu por gentileza ou estava rindo do meu estado? A paranóia estava tomando conta da sua mente.

Descobriria isso nos passos seguintes, quando encarou os seus colegas do autocarro.

Assim que a viram, a olharam com espanto e ela sentiu que ninguém queria sentar ao lado dela. Foi até ao fundo do autocarro, onde apenas estava o julgado André por ser demasiado zé.

Os colegas poderiam até estar surpresos com a situação e alguns riram dela, mas foi ela que se afastou deles por vergonha. Vergonha de estar grávida com a idade que tinha.

Nunca pensou que iria sentar-se no último lugar do autocarro, e pensou no mal-estar que o julgado André tem que suportar todos os anos. Todos gozavam com ele, até mesmo ela já gozou algumas vezes.

Agora estava ao lado dele, partilhando a solidão. O autocarro tivera feito a viagem mais rápida da sua vida, e lá estava em direcção à entrada da escola.

O pessoal desceu ao rubro pelo reencontro com os colegas e amigos, até André saiu eufórico. Ela saía a passos solenes e cautelosos, e quando chegou à beira da porta, parecia que tudo tinha paralisado. Os abraços dos colegas interromperam-se e todo movimento tinha-se interrompido no espanto de vê-la naquele estado.

Ficou parada durante os dez segundos que seguiram, até que o motorista falou para ela:

— Tudo vai correr bem, menina. Estão apenas olhando a publicidade que está no autocarro.

Era verdade, realmente seus olhos estavam fixos na nova publicidade do Tik Tok.

Durante as aulas mantinha a cabeça para baixo, procurava pela Kiame, mas ela não se fazia presente na escola. O sino tocou e lá se foi a primeira aula, e chegava o primeiro intervalo.

Sentou-se por baixo de uma árvore e meteu seus “fones” e uma melodia encantadora para embalar o bebê em seu ventre.

Há semanas que Artur não via a Ucha. Hoje, ao vê-la, tomou de novo consciência do seu erro, mas não podia voltar atrás na sua decisão.

Quando seus amigos viam Ucha naquele estado, davam-lhe os parabéns e perguntavam-lhe porque ele não disse nada. Mas ele, simplesmente dizia:

— Não sou o pai.

Eles ficavam todos espantados e não tocavam mais no assunto e olhavam Ucha com desprezo.

Artur era difícil de ser entendido, dizia que a amava, mas não hesitou em negar a paternidade e expô-la como alguém que tinha ido para a cama com outra pessoa.

Seu melhor amigo não concordava com isso e tentava muitas vezes chamar-lhe à razão, mas ele continuava insensato em suas ideias. Merlina aproximava-se cada vez mais dele e ele estava deixando-se levar. Já tinham mesmo trocado um beijo.

Enquanto os dias passavam, seus pais pareciam que já tinham esquecido de que ele tinha abandonado um filho, ou simplesmente não se importavam com isso.

Assim que chegou à casa, seu pai falava ao telefone com o sócio majoritário. Combinavam o dia em que Artur poderia visitar a firma e falavam do posto que ocuparia assim que as aulas terminassem.

Sua data de aniversário estava se aproximando. Não estava com ânimo nem pretendia organizar nada. Mas Merlina e sua mãe já estavam a organizar tudo e seria ótimo para fazer publicidade do filho.

Era incrível como aquela senhora conseguia impor-se na sua vida e mais incrível ainda, era a sua falta de atitude em defesa das suas ideias.

Trancado em seu quarto, observava suas fotos com a Ucha.

Na noite passada tivera tido um sonho. Sonhou que estava no jardim, com a Ucha e o bebê. Mas algo estranho se passava, tanto a criança como a Ucha não o viam, e a criança só dizia mamã.

*Estou maior!*

*Meus órgãos estão se formando com maior firmeza. Apesar de ainda sentir a ausência do meu pai, estou acabando minha formação.*

*A cada dia me habituo à ideia de que ele não está comigo.*

*Estou aprendendo várias coisas sobre este mundo em que habito, e sobre as várias transformações que estou provocando nele.*

*Aqui não há céu, nem tão pouco estrelas. Meu céu é liso e minhas estrelas são os glóbulos.*

*Às vezes abuso da minha presença e acabo provocando enjoos a minha mãe, mas tudo muito saudável. Me sinto mais próximo do mundo real e estou fazendo imensos planos para quando lá chegar.*

*Realizarei todos os meus sonhos, sentirei a chuva e me deitarei sobre o jardim. Viajarei pelo céu e quem sabe mesmo tocarei as estrelas.*

*E quando não for compreendida, chorarei e gritarei bem alto para que ela possa levantar um monte de hipóteses, até encontrar a verdadeira. Será o jogo “chora que eu encontro”.*

*Pena que não me lembrarei de nada quando nascer, mas enquanto posso, aproveito sonhar e sonhar mais e mais.*

Mal a escola tinha começado e Fatucha precisava alternar os dias, por causa das consultas. Com poucos recursos financeiros, o hospital público era seu único remédio.

Naquela manhã, tiveram que se levantar cedo porque o hospital não economizava a enchente, e por mais cedo que lá chegassem, estava sempre cheio.

Assim que chegaram, ocuparam o trigésimo quarto lugar da fila. Seria uma espera enorme e entediante.

Por volta das nove horas, começaram a atender as futuras mães. Pela longa fila, ela era a única de tenra idade. Portanto não era propriamente um lugar onde se sentia confortável.

Três horas depois, quando estavam prestes a ser atendidas, houve uma emergência e o doutor teve que se ausentar por mais uma hora. Até que finalmente, tudo ficou resolvido e seu nome foi pronunciado “Fatucha Mendes Kassola”.

Mal ouviu o seu nome, moveu-se em passos compridos para ser atendida e deixar aquele local.

— Pelo que vimos, o bebê encontra-se em perfeitas condições de saúde.

O bebê estava bem para o alívio da sua mãe, pois ela sentia que a filha ainda estava insegura com aquela gravidez e tinha medo que ela tentasse uma estupidez. Após serem atendidas, saíram e foram para a paragem pegar o autocarro. Enquanto esperavam, eis que o pai da criança passava em seu carro e assim que as avistou, resolveu parar.

Tucha conhecia bem o carro e quando o viu parando em sua frente, trancou logo a cara e mal ele desceu do carro, sua mão direita voltou a dançar a melodia do seu coração.

— Boa tarde, Sra. Celina! Oi, Tucha. Como estás?

As duas não dirigiram nenhuma palavra a ele, e a melodia de Tucha acelerava cada vez mais. E para piorar, estava um sol escaldante e ardente.

— Importam-se que vos deixe em casa?

— Por acaso nos importamos e não quero nada de ti... — Berrou Tucha.

Mas aquele todo nervosismo combinado com o sol escaldante não estava a fazer bem a ela, e levando a mão à cabeça, começou a sentir-se tonta e parecia que ia desmaiar.

Seu ex-namorado apressou-se para agarrá-la evitando que ela caísse e meteu-lhe no carro. Perante aquela situação, sua mãe deixou as diferenças entre ambos de parte, pois só a saúde da sua filha e do seu neto importavam.

Levaram-na à uma clínica onde os cuidados eram, de certa maneira, mais avançados em relação ao hospital que frequentavam. Tucha estava inconsciente e assim que chegou, foi logo atendida pelo doutor em serviço.

Enquanto era atendida, sua mãe e o pai da criança esperavam na sala apropriada. Minutos mais tarde, o doutor saiu.

— Como está a minha filha, doutor?

— A menina e o bebê estão bem. Foi apenas um susto derivado, acredito por uma emoção muito forte. No estado em que ela está, deve evitar ficar nervosa e viver fortes emoções. Ela está se preparando para poder regressar à casa. Por isso, meu caro jovem, cuide bem da sua mulher e os meus parabéns, é uma linda menina.

Na saída, permaneceram em silêncio. Durante todo o caminho para casa, nem só um comentário alguém ousou proferir. Não seria aquele gesto do pai da criança que iria mudar as coisas.

Quando chegaram em sua casa, o jovem foi abrir a porta para Tucha, e enquanto ela saía, seus olhos encontraram-se e ambos não podiam negar o sentimento e a criança que os unia.

## Capítulo 10

Artur chegou à casa com um sorriso enorme em seu rosto, iria ser pai de uma menina. Naquela noite, ninguém podia com a sua alegria, nem mesmo os comentários desagradáveis da sua mãe.

Ontem tivera sido apresentado à empresa do seu pai, onde um gabinete o aguarda. Para além do curso que está a fazer, Artur também tem as suas paixões e uma delas é o desenho.

Entre os amigos, era considerado um desenhador exímio e sua principal estrela era a Ucha. Tinha vários desenhos de Ucha e sempre que se preparava para ir a cama ficava alguns minutos contemplando o rosto dela.

Tinha feito uma promessa a ela, de que assim que ela tivesse a primeira gravidez, ele faria um desenho dela com o seu filho na barriga. Mas foi uma promessa que não seria cumprida.

Sabia que apesar do que tinha acontecido, as coisas não iriam mudar. Amanhã seria o seu aniversário e nem por isso a empolgação era tanta. Sua festa estava preparada e sabia que não tinha nada para comemorar.

Sua filha e sua amada estavam longe dele por causa da sua covardia, e sabia que a culpa era unicamente sua.

Calmamente foi fechando os olhos, um por um foi perdendo vida e dormiu durante longas oito horas. Ao abrir um dos olhos, foi surpreendido por um bolo em sua direcção. Era Merlina que o segurava e cantava os parabéns.

Deu um pequeno sorriso para não azedar o momento e assim que se preparava para apagar as velas, Merlina disse:

— Pede um desejo, fofinho!

Ele fechou os olhos e pensou em Ucha e sua filha, e bem baixinho, desejou que pudesse estar com elas nem que fosse só por um segundo.

— O que pediste, amor?

— Pedi o que qualquer pai neste dia iria querer.

Pela primeira vez não hesitou em suas palavras, e afirmou o que o seu coração há muito queria.

Apagadas que estavam as velas, tomou um banho surreal e queria ir a um sítio onde ia desde que começou a namorar com a Ucha.

Era o local do primeiro encontro, onde iam sempre que alguém estivesse de aniversário. Rezava para que ela pensasse da mesma forma e fosse ao local.

Uma hora mais tarde, estava pronto e saiu bem rápido para que Merlina não percebesse. Assim que chegou ao local, tudo estava calmo e aparentava estar isolado.

Mas, depois de alguns passos, viu que alguém estava no local.

Dirigiu-se a passos pequenos e assim que chegou junto dela, disse num tom alegre:

— Meu desejo foi realizado!

## Capítulo 11

Por incrível ironia do destino coincidente ou pela simples revelação do sentimento que os unia, lá estava Fatucha.

Caminharam na direcção um do outro, com respiração ofegante, e com olhares “mixados”, a família estava reunida.

Nenhum deles ousou proferir a primeira palavra e mantiveram-se assim durante os seguintes trinta segundos, deixando-se envolver num forte abraço.

Ao som da melodia de um guitarrista que estava próximo, aquele momento foi deles e ninguém podia roubá-los. Ambos estavam a sofrer, ainda que em proporções diferentes, mas a realidade afirmava que aquilo era demais para eles, e para a filha que os unia, ainda mais.

O vento corria rapidamente e as árvores agitavam-se em seu esplendor, preenchendo o ar com as suas graciosas folhas. Quando ele tentou proferir uma palavra, Tucha o interrompeu:

— Por favor... Não fala nada!

Nem ela própria queria acreditar que ainda podia estar abraçada a alguém que a rejeitou, alguém que rejeitou a sua filha.

Então solenemente foi se afastando dele e sua expressão alterou o tempo.

— Sabes, cada dia que passa, ela está crescendo e me sinto mais preparada para a ter. Confesso que às vezes me encho de dúvidas e penso na mudança brusca que ela trará na minha vida, mas depois penso em tudo que já enfrentei, perdi e... Sinto uma enorme ligação com ela; as pessoas podem olhar com desprezo para mim, podem zombar, podem achar que eu não fui fiel, não me importo mais... A única coisa que me faz viver é ela.

— Sinto muito, Tucha. Não era minha intenção que as coisas ficassem assim.

— Eu sei. Nem foi minha intenção engravidar. Mas hoje estou aqui assumindo sozinha essa gravidez. Só há algo que dói mais do que tudo que estou

passando, estar nesse barco sozinha. Ser o capitão, o marinheiro e passageiro. Se eu vim aqui hoje, é para me despedir.

— Despedir... Como assim?

— Iremos para a casa do meu tio.

— Mas porquê? E minha filha? Não podes levar minha filha para longe de mim!

*Tamanho descaramento né! “vosso pensamento”*

— Filha? Tu não és o pai desta menina. Não é isso que tens dito na escola?! Por isso, eu agora é que digo e bem alto, minha filha não tem pai!

— Tenta entender, os negócios da minha família ficariam em risco.

— Não precisa explicar mais, eu entendo. Nós iremos e podes ficar com o teu nome. Sabes, posso não conseguir realizar os meus sonhos pessoais, mas serei feliz por saber que terei a minha filha ao meu lado.

Dito isso retirou-se dali e o dia escureceu e a noite melancólica se fez presente.

*Sinto que haverá uma grande mudança.*

*Ontem ouvi minha mãe chorando e se tivesse lágrimas, eu choraria também.*

*Sei que iremos para um lugar melhor, longe de problemas e lamentações. Sei também que seremos apenas nós... Mãe e filha.*

*Meu mundo pergunta por meu pai e a única coisa que consigo responder é simplesmente que ele não está comigo. A viagem será longa e cansativa, por isso, estou fazendo minhas malas.*

*As pessoas do outro lado podem pensar que sou uma coisa, sem consciência. Podem pensar que não sinto a dor e que não me importo de existir ou não ser.*

*Estão enganadas. Posso sentir, me importo e tenho consciência, ainda que os homens de maior inteligência afirmem o contrário.*

*Posso não ser ouvida, mas oiço as pessoas. Posso não transmitir qualquer tipo de sentimento, mas posso sentir o das pessoas.*

*Posso não contar os meus sonhos e desejos, mas posso sonhar e ter desejos. E desde o primeiro dia da minha existência... Posso não ser considerado alguém, mas na verdade, já sou um ser humano.*

*Um ser humano que quando deixa de existir, sente que deixou de existir sem ter a oportunidade de dizer “te amo, pai. Te amo, mãe”.*

*Dito isso, preparou suas malas, aconchegou-se no ventre da sua mãe para calmamente apreciar a viagem e deixou tudo para trás.*

*O slogan da viagem era “um novo começo”.*

*Tudo o que foi pensado era sinal de que a partir do primeiro momento da sua vida ela era um ser humano, que conta com a ajuda de outros seres humanos para poder se afirmar como um ser.*

Artur chegou à casa com uma enorme tristeza em seu rosto. Sua filha, a filha que ele negou perante os seus amigos, perante sua namorada e pior de tudo, perante ela, não estaria próximo de si.

Se alguma vez se sentiu distante, comparando ao facto de ela ir para Malange, não era de tudo distância. Sua ligação com ela iria terminar. Iria nascer, conhecer o mundo inteiro, mas não o iria conhecer.

Sentou-se nas escadas e de cabeça para baixo, lamentava o rumo da sua vida.

Olhou para aquela enorme casa, seus móveis e quadros de valores inestimáveis e pensou: temos tudo, conquistámos tudo o deveria ser conquistado e o que não devia, até o medo das pessoas nós roubámos. Mas a felicidade, não conquistámos!

Do outro lado, seus pais aparentavam felicidade, mas tudo em sua vida era ilusão da óptica.

Ao longo de suas horas de vida, estudou sobre grandes homens que tiveram que sacrificar-se pelo bem da família e do povo... Até mesmo ao ponto de darem a sua vida.

Tinha grande admiração por eles. Hoje notava que não passava de simples admiração. Estava longe de ser um grande homem, de ser um pai e pior...

De ser um “ser humano”.

Foi para o seu quarto e pegou em seus desenhos. Começou a rasgá-los um por um. Nada mais havia a fazer se não tirar ela da sua mente e da sua vida.

Um por um, com grande sofrimento foi perdendo a vida que lhes deu, mas quando chegou ao último, algo o fez parar e voltou a metê-lo na caixa. Guardaria aquele como o último, o melhor e o mais especial de todos.

Fechou os olhos, deitou na cama e abriu seus braços. Suspirou levemente e engoliu a saliva em sua boca. A janela estava aberta e podia sentir o vento que lá fora passeava e levava consigo o resto dos retratos rasgados.

Vento nosso de tamanha liberdade, leva contigo tudo o que alguma vez sonhei e apaga em mim tudo o que eu sou. Lá foi ele, brindando-o com a concretização do seu desejo e da sua tristeza.

Nada importava naquela noite, nem sua festa que tinha começado.

Mas para não levantar mais questões, encheu a banheira com água, e mergulhou nela como se fosse o último respirar da sua vida. Tudo que seus pais e ele sonharam, ficou perdido naquela banheira. Sua força, sua vida... Tudo, naquele último movimento do seu corpo e da sua alma.

A água que corria da torneira foi correndo pelo quarto, fazendo suas vítimas por onde passava. Tudo era invadido e nada sobriaria para contar história.

Adeus a todos, não sou digno de ser considerado humano. Saiba minha filha que apesar de tudo que ouvirás ou do nada que saberás de mim... Eu te amo — eram os seus últimos pensamentos.

Então uma espécie de nevoeiro cobriu a sua visão e a luz que irradiava do telhado se tornava cada vez menos intensa.

Até que num breve fechar e abrir de olhos, eles fecharam-se para não mais tornar a abrir e para sempre permanecerem intactos.

## Capítulo 12

Enquanto viajava, Tucha sentiu um enorme pontapé dentro de si, como se a criança se assustasse com alguma coisa.

Perante aquele susto, levou a mão à barriga e acalmava o seu bebê com movimentos circulares. Deixou-se encostar a cabeça para o lado e pensava naquela que seria a última conversa com o pai da sua filha.

Do lado de fora, contemplava o caminho preenchido de árvores e a velocidade com que tudo ficava para trás. Das mais desfolhadas às mais repletas de folhas, das mais grossas às mais elegantes.

A noite parecia vermelha, o céu espelhava tristeza e as estrelas brilhavam com dor. Dor era o que ela sentia por tudo se encontrar como estava, e de não poder fazer nada para melhorar.

Seriam longas sete horas de viagem e curtos minutos para se despedir daquele lugar, cujas marcas estavam cravadas em sua mente. O sentimento de querer abdicar da filha, tinha sumido por completo. Agora só queria tê-la e dedicar toda sua vida a ela.

Enquanto deixava aquele lugar, respirava fundo imensas vezes e olhava constantemente para o céu.

Depois de uma hora de viagem, sentiu uma brisa leve em seu rosto e aquela brisa parecia ter um rosto. Levou um pequeno susto e não entendeu o porquê daquela imagem.

Enquanto o frio chegava para fazer-lhe companhia na longa estrada e o nevoeiro fazia-se presente, seus olhos guardaram a visão e fecharam-se para o repouso do dia.

Naquela mesma noite, teve um sonho... Em longos campos verdes, ela estava com a sua filha e o pai da criança. Mas não conseguiam ver um ao outro, e quanto mais perto chegava, mais ofuscada ficava a imagem de ambos até que se perdeu no horizonte. Apenas as lágrimas permaneceram naquele grito silencioso e eternamente barulhento.

O impacto daquele sonho fez com que ela despertasse e seu ser encheu-se de tristeza e de dor. Então, o carro em que partiam foi ficando cada vez mais distante e pequeno e as nuvens cobriam pouco a pouco aquela imagem de despedida.

Era o outro adeus. *Adeus, meu amor...Estou partindo, mas te levo em meu coração. E, apesar de tudo parecer ruim contigo e de transpareceres a maldade em forma humana, não guardo rancor de ti, mas tens de desaparecer da minha vida.*

Eram os seus pensamentos...

Tudo pareceu acabar naquele instante, suas histórias, seus sonhos, suas vidas. Assim, muitas vezes encerra-se o que não deveria ter terminado e abre-se a página que deveria ter-se fechado.

“Assim como o carro em que viajavam que foi ficando distante, esta história também vai se tornando pequena aos nossos olhos, para conseguir entrar nos nossos corações, e lá poderá crescer a mais íntima mensagem que quer expressar e o menor susto que deseja dar. Não se trata de bem ler ou de bem escrever, mas sim de bem poder reflectir e tomar uma posição. Ser da esquerda ou da direita... Ser do bem ou do mal... Ser de sonhos ou da realidade”.

Outro ponto tinha ficado para trás, outra vida começava e outros desafios se avistavam. Fatucha tinha sido recebida com muito carinho e amor pela família do seu tio.

Sua barriga estava grande e em mais alguns meses poderia conhecer pessoalmente sua filha, era um novo começo. A situação na antiga província estava de mal a pior, o dinheiro que sua mãe recebia não chegava para suprir as necessidades e as consultas.

Seu tio conseguiu arranjar um emprego para sua mãe que iria ajudar nas despesas da casa. Com a parcela da terra que tinham, podiam sempre cultivar qualquer coisa e vender.

O sol nascia naquele lugar e as noites perdiam a vida em lugares distantes. O acesso ao hospital era o mais difícil, mas seu tio tinha a paciência de levá-la sempre que necessitava e além do mais, tinha muitas parteiras tradicionais junto da nova morada.

Já levava algum tempo que não ouvia falar e não pensava no pai da sua filha. Já não fazia parte da sua vida nem dos seus pensamentos.

Certa manhã, levantou-se cedo e foi tomar banho no rio que passava perto de casa. O silêncio e a harmonia dos passarinhos que a acompanhavam eram totais.

Apesar de gelada que estava a água, ela deliciou-se com ela e por breves instantes fechava os olhos na hipótese de assim sentir a natureza. Foi então que olhando fixamente para água sentiu um estranho arrepio e voltou logo para casa.

Nesse mesmo dia enquanto arrumava a casa perguntou a sua mãe:

— Sentes falta do pai?

— Claro que sim. Ele me dava força e me fazia ver o sentido da vida. Sabes, passámos tempos ruins.

— Nesses tempos ruins ele esteve sempre ao teu lado?

— Sabes, algumas vezes, as pessoas podem parecer as mais malvadas do mundo, mas com a mesma intensidade que o fazem, algum dia já, nem que por um segundo que fosse, amaram.

As palavras de sua mãe fizeram-lhe pensar no pai da sua filha. O que ela não sabia é que seu pai quando engravidara sua mãe, rejeitou-a, acusando-a que ela a tinha traído com o ex-namorado na altura.

Só depois de ela nascer e do ex-namorado da sua mãe ter metido juízo em sua cabeça, é que ele aceitou reconhecê-la e assumiu-a como filha. Seu pai não se perdoou pela forma como tinha agido até o último suspiro da sua vida.

— Às vezes, sinto a presença dele. É como se ele por algum motivo que eu não sei, tentasse se redimir de algo. Alguma coisa o deixa angustiado em meus sonhos.

Sua mãe tinha receio de falar, mas achou que seria altura de ela saber da sua história, até porque estava vivendo o mesmo.

— Antes do teu pai fazer a faculdade, nós passamos a noite juntos e dessa noite tu foste concebida. Ele foi e eu fiquei com a promessa de esperar por ele. Um mês depois, escrevi para ele dando as novidades, mas ele respondeu com uma carta que não iria assumir nenhum compromisso comigo, porque afirmava que o filho

não era dele e que tinha sonhos por realizar. Passei os nove meses, sem apoio dos meus pais, que quando souberam da minha gravidez, me puseram fora de casa. Meu sustento e sobrevivência estavam jogados à sorte.

Foi o revelar de uma parte da sua vida, desconhecida por Tucha, que nunca poderia imaginar que seu pai, algum dia não a queria, pois demonstrava muito amor por ela.

*Hoje, neste mesmo instante meu mundo olhou para mim e decidiu passar um pouco de seus ensinamentos.*

*Ao primeiro contacto sentirás frio e o gelar deste frio, fará com que soltes um enorme grito pelas paredes que te acolherem. Serás recebida de braços abertos e carregada com braços aconchegantes. Não poderão perceber-te como eu, mas tudo farão para assim te compreenderem.*

*Farás vários amigos e partilharão a mesma língua, não guardarás rancor e serás inocente de tudo que praticares.*

*Então na minha inocente e pequena compreensão, perguntei ao meu mundo se poderia deixar uma lembrança para os que pudessem vir depois de mim. Ele concedeu-me esse desejo.*

*Fechei meus olhos, olhei para o mais profundo “eu” que existe dentro de mim e entre as paredes que me protegiam, deixei minhas verdades.*

*“Oi, não sei como te chamar, nem como no mundo dos nossos pais somos designados, por isso vou chamar-te por íntimo, porque do mesmo ventre fomos gerados e da mesma verdade falaremos, mesmo que não nos entendamos. Neste mundo, tive dúvidas e medos que me faziam duvidar da minha própria existência. Várias incertezas tomaram conta de mim e quando pensei não haver mais forças nem algo para me agarrar, eis o que aconteceu.*

*Mamãe passou sua mão sobre mim, e quando fez isto, comecei a sonhar. Sonhando comecei a concretizar minha existência, e concretizando minha existência, a felicidade passou sobre mim e acenando, disse que estava de partida para o mundo do papai e da mãezinha e que eu teria que ir no mais íntimo do meu suave interior para encontrá-la.*

*Perguntei a ela como faria isso e ela sorrindo escreveu a última parte desta mensagem:*

*Não me procures, mas me encontra”.*

*Dito isso, a cada dia que passava, sua memória era apagada e todos os sonhos se perdiam na nuvem do esquecimento e nas estrelas da memória.*

## Capítulo 13

O amigo que não espera por ninguém e grande defensor da verdade, corria pelo grande campo verde que envolvia a casa e com ele tudo desabrochava, inclusive a gravidez de Tucha.

A paz e simpatia que aquele lugar apresentava, só traziam benefícios para a sua saúde e da menina. Estava encantada com aquele sítio, apesar de no princípio considerar aquilo como o lugar esquecido por todos e lembrado por ninguém.

Quando ia à praça com a sua mãe, sabiam de antemão que elas não eram de lá e aproveitavam vender o seu charme cultural.

Acabou fazendo alguns amigos e o mais chegado era Nsoki, o jovem que ajudava seu tio no campo.

Certo dia, enquanto passeava pelo campo, ele se ofereceu para acompanhá-la.

Nsoki era tímido, nunca tivera perguntando sobre o pai da criança até porque nunca estivera sozinho com ela. Mas sua timidez revelava um certo sentimento por aquela menina.

— Falta pouco... Pouco para...

— Sim, Nsoki, brevemente terei minha filha – respondeu Fatucha, adiantando-se a interpretar e a responder à pergunta com um sorriso maroto. — Nsoki, o que as pessoas falam sobre a minha gravidez?

— Nada. Não têm que meter-se na tua vida.

— És muito gentil. Sei que as pessoas comentam o facto de não verem o pai da minha filha. Minha filha não tem pai, vou dar-lhe tanto amor que ela nunca irá perguntar pelo pai.

Eram as palavras de uma adolescente, ingénua e sem experiência de vida.

— Todo mundo gosta muito de ti e... vou...vamos ajudar-te a criar a tua filha, sempre.

Olhou para aquele simpático jovem e sorriu para a vida.

– Queres ir ver algo fixe?

Nsoki a levou de carruagem para o seu lugar preferido e assim que chegaram, parecia ser um lugar comum, como tantos que já tinha visto.

– Desculpa, mas não vejo nada de especial aqui.

– Espera somente cinco segundos.

O céu marcava dezassete horas, cinquenta e oito minutos e vinte segundos, o seu momento estava a chegar.

– Olha...

Então viram o sol que se encontrava entre dois picos montanhosos, descer devagarinho, a terra perdia sua luminosidade instantaneamente. Foi tudo muito calmo e bonito de se apreciar.

– Uau! É lindo, nunca o tinha visto dessa maneira.

Lá ficaram os dois observando aquela maravilha até que a noite surgiu e voltaram para casa.

Tucha e Nsoki tornavam-se cada vez mais próximos um do outro, e seus dias já não eram tão aborrecidos como antes. Ele contava várias histórias daquele lugar e seu jeito de apimentar aquilo, a encantava.

No meio do nada, no meio do silêncio dos pássaros e da corrente dos rios, sua vida voltava a fazer sentido.

Certa noite, enquanto contemplavam o olhar das estrelas, sobre o céu luminoso e acolhedor, uma voz soltou-se entre o silêncio do momento.

– Estou apaixonado por ti.

Tucha manteve o olhar para o céu, e como que brincando com ele, sorriu e em gargalhadas disse:

– Não sei se notaste, mas terei uma filha, terás de te apaixonar por ela também.

Nsoki sentiu-se desanimado pela forma como Tucha encarou o seu sentimento.

Então num tom mais sério, ela acrescentou:

— Tem gente obcecada em encontrar uma definição lógica do amor. O amor é algo que não se consegue definir, acredito que tem que ser sentido; eu já amei, acho... Meu coração pertence unicamente à minha filha. Ainda não me sinto preparada para um novo relacionamento. Desculpa se te machuco.

Enquanto caminhava em direcção à casa, voltou-se e disse:

— Se algum dia, eu sorrir para ti, lembra-te que nesse dia vivo contigo no meu coração.

Entrou para casa, deixando Nsoki deitado na relva, mas com um sorriso no rosto após aquelas palavras.

— Nsoki daria um bom pai para a tua filha. É atencioso e nota-se que está apaixonado, tua filha precisa de um pai.

— Ela já tem uma mãe e terá tanto amor de mim que não sentirá falta de um pai.

— Encara a realidade, Tucha! Ela irá sentir falta de um pai, e sabes que a sociedade em si cobra isso de uma forma indirecta. Não sejas egoísta, pensa na tua filha também.

— Ela teve um pai, que a negou e morreu para sempre no meu coração.

Dito isso foi para o quarto e lá ficou chorando até adormecer. Tinha esquecido os sonhos, os projectos e todas as coisas que desejava, para cuidar da sua filha.

Naquela noite, calma e misteriosa de encanto, sua alma sonhadora foi encaminhada para longe daquele lugar e levada novamente à sua antiga casa. Perto de seus amigos, do seu pai e do pai da sua filha.

Despertou repentinamente, sentiu o vento bater em seu rosto e a lágrima correr pela sua face.

Passaram-se dois dias e como não via o Nsoki, resolveu ir à procura dele em sua casa.

— Bom dia, dona Marisa. O Nsoki está?

— Não! Escuta bem, minha menina, meu filho não vai sustentar esta coisa que você carrega, por isso deixa ele em paz, ouviu bem!?

— Mãe! O que está dizendo... Tucha, isso que ela está dizendo não é o que eu sinto.

Quando ouviu aquilo, Tucha simplesmente retirou-se em passos pequenos e tristes.

— Tucha! Tucha... Espera! — Gritava Nsoki, enquanto corria para junto dela.

— Nem penses em ir atrás dessa vadia. Volta aqui, menino!

Ele não deu ouvidos à sua mãe e assim que chegou junto dela, não a parou, apenas seguia o ritmo de seus passos enquanto se desculpava.

Depois de um certo caminho percorrido, ela parou, olhou para ele e disse:

— Pára! Sua mãe tem razão, eu fui inconstante e por isso engravidei. Cometi os meus erros e tenho de aprender com eles. Tu tens sonhos, projectos e ambições. Não pares a tua vida pela minha que já está parada.

— Não fala assim, Tucha, meu sonho é ficar contigo e cuidar da tua filha como se fosse minha.

— Devias ouvir a tua mãe, ela está certa.

— Acho que já sou crescido para tomar minhas decisões, decidir sobre os meus sonhos e meus projectos.

Tucha fechou os olhos, e apesar da sua mente negar, seu coração estava começando a pertencer a Nsoki e entristeceu-se.

Ele a pegou em suas mãos e olhando nos seus belos olhos cheios de lágrimas, disse:

— Em meu sonho, estou no meu espaço de terra, fazendo o meu trabalho e construindo minha casa, e quando chegar à casa, dar muito amor aos meus filhos e brincar com eles. E há mais... Amar minha esposa para sempre.

Acrescentou ainda:

— Em meu sonho, tu és minha esposa e tua filha é minha também. Deixa eu te fazer feliz!

Ao ouvir aquilo, Tucha resolveu dar uma oportunidade para ela mesma e entregou o seu coração a ele.

## Capítulo 14

Nsoki era natural de lá, era filho da terra. Vivia somente com a sua mãe, seu pai tivera partido quando ele tinha apenas quatro anos. Teve que amadurecer mais cedo do que os outros, e dar no duro muito cedo para garantir o sustento da mãe.

Com o tempo sua mãe teve que respeitar a decisão que tinha tomado, de ficar com Fatucha e assumir sua filha. Mas sempre que podia lançava uma piada de mau gosto para a futura nora.

Nsoki comportava-se como um pai para a sua filha, mesmo ainda estando na barriga. Sempre que acabava de trabalhar, passava em casa para vê-la, acariciava sua barriga e cantava para ela. Sentia-se realizado e era um autêntico encanto.

Certo dia quando estava em casa de Tucha e aguardava pelo chá, alguém bateu a porta.

— Deixa que eu vou ver – disse Nsoki.

— Sr. Manuel!

— Nsoki, meu filho, tudo bem? Chegou esta carta à administração e é dirigida para a menina Fatucha, ela está?

— Eu entrego a ela.

A carta era de Luanda, Nsoki teve receio do que aquilo poderia conter e não entregou à Tucha.

— Quem era?

— Um menino que perdeu o seu cão, queria saber se vimos ele.

— Ok, é que pareceu-me ouvir o barulho de um carro.

— O chá está pronto? Tu sabes como adoro esse chá.

Desviou o rumo e o sentido da conversa para não ser descoberto ou dar indícios de que estava mentindo.

Quando Nsoki regressou à casa, pensou por alguns segundos se deveria fazer aquilo e depois avançou. Abriu a carta e começou a ler.

*Como estás Tucha? Espero que minhas palavras te encontrem bem.*

*Sei que mil desculpas não vão apagar tudo o que fiz contigo, nem tão pouco basta para emendar os meus erros. Mas acredita, que todos os dias, me julgo e me condeno pelo que fiz contigo.*

*Não tenho uma justificação para te dar e acho que também não há.*

*Hoje eu percebi que te amo e a nossa filha, mais do que tudo nessa vida. Meus sonhos são vocês, minha verdadeira felicidade é ao vosso lado.*

*Não estou pedindo que voltes para mim, estou pedindo uma oportunidade de te conquistar de novo.*

*Tomei minha decisão e quero assumir minhas responsabilidades, com ou sem apoio dos meus pais... Com ou sem o nome deles.*

*Me desculpa pela forma como consegui o teu endereço, mas precisava de fazer isso, e mesmo que já não me aceites de volta, peço-te a chance de poder cuidar da nossa filha.*

*Estarei de partida amanhã.*

*Beijos.*

*Luanda, duas horas antes do acontecimento fatal.*

O pai da filha de Tucha tinha escrito para ela, e junto à carta estava o desenho de Fatucha concebida.

O medo de perdê-la tomou conta da sua mente. Tinha medo porque sabia que o coração de Tucha ainda não o pertencia totalmente. O amigo inconstante dos homens tinha chegado mais uma vez. O senhor medo que tudo e todos possui, se apoderou dele.

Cada história segue uma percepção, daquele que vê ou daquele que a escuta. Não precisamos de ser maus para errarmos. Basta sermos bons para cometermos o erro de errar. Muita das vezes não por vontade própria, mas a maioria por iniciativa nossa.

Em Luanda, o monitor marcava um coração batendo. Um coração lutando pela vida, mas a imagem do vidro do quarto era de um corpo inanimado, sem reacção, nem tão pouco acção.

Por si só, ele estaria morto, pela lógica da ciência ele não poderia estar ali, mas sim, deitado por baixo da sua origem. Por baixo da sua essência.

Era ele, Artur se encontrava deitado naquela cama lutando pela vida, depois de a querer perder. Tudo muito confuso, não é?

Artur não tinha morrido, nem tão pouco a água tinha provocado aquilo pois ele tinha tomado uma decisão, independentemente do que os seus pais achariam e do grande privilégio que eles davam ao nome e a ele próprio.

Ele saiu, rompeu qualquer ligação com os seus pais, deixou o medo e a vergonha para trás e decidiu ir atrás de Ucha e da sua filha.

Mas assim o destino não entendeu, e podemos mesmo dizer que se apercebeu tarde, pois enquanto conduzia, na ansiedade de vê-la, desviou de um camião e capotou várias e quantas vezes podemos imaginar.

Sua vida já não estava por um fio, mas pela vontade de alguém em cortar ou deixar aquele fio intacto.

Desde aquele momento, nunca mais abriu os olhos. Nunca mais contemplou a luz do sol, nem tão pouco pronunciou uma única palavra.

Apenas no seu interior, no local mais misterioso que podemos imaginar dentro de nós, que nem as máquinas poderiam descobrir e a autópsia concluir, elas estavam vivas e ele lutava para sair vivo daquele lugar.

Sua mãe culpava-se eternamente pelo que se havia passado e seu pai começou a beber incansavelmente e toda riqueza que tantas vezes deu valor e se vangloriou, tudo ficou jogado na sarjeta. Não havia esperança, não havia

sinal de melhorias. Era mais fácil esperar pelo dia em que seu coração parasse de bater, do que pelo dia que seus olhos e seus sentidos pudessem voltar à vida.

Nem um só sentido estava vivo. Assim como quando rejeitou Ucha, seus sentidos de um ser humano estavam todos desligados e apagados da sua existência.

Há cinco meses que estava em coma. Só restava continuar ali deitado à espera que algum milagre o viesse salvar... O milagre da vida.

Tivera pedido perdão, mas ele próprio sabia que o perdão não era suficiente.

*Todas as memórias tinham sido apagadas. Tudo o que alguma vez tivera sonhado, imaginado, sentido e guardado, qualquer coisa que fosse, já não estava com ela.*

*Agora só a presença neste mundo, no mundo dos seus pais, era o que ela aguardava e nada mais podia fazer. Mas sua existência dentro daquele ventre tivera sido memorável para todos quantos puderem partilhar do lar que ela viveu.*

*Na sua pequena e ínfima natureza, tão ínfima quanto podemos imaginar, ela já teve uma vida, um sonho e tudo mais que alguém possa desejar neste mundo.*

*O sofrimento e o medo também a acompanharam, fizeram parte do seu mundo. Partilhou sentimentos, sentiu o amor, desprezo e outras coisas que só ela poderia sentir.*

*Agora mais do que nunca, estava preparada para fazer parte do nosso mundo, para poder ser e deixar de ser. Nada foi contado, nada foi imaginado. Tudo foi sentido, tudo teve o seu lugar no espaço mais livre do ser humano, o seu coração.*

*Livre de culpas, de entendimentos, de razão e de erros... Ela era simplesmente livre. Livre na vontade de amar e na vontade de ser feliz com todos.*

*Inocente de todas acusações, de ser tomada por desculpa de qualquer acto macabro que as pessoas possam cometer.*

*O sol se pôs, a lua adormeceu e o eclipse acabou. Por trás de um mau dia, na paixão da enfraquecida leitura, o sorriso pode ser mais alegre que o grito de uma multidão no carrossel da amargura e o olhar ser mais original do que o verdadeiro rosto em mim.*

*Se ao menos pudesse recordar, se ao menos pudesse lembrar! É proibido lembrar, mas tinha a total liberdade de guardar.*

## Capítulo 15

Tucha precisava de dar continuidade aos estudos e concretizar os seus sonhos.

Infelizmente seus documentos estavam em mau estado, devido a fortes chuvas que se abateram no dia que os transportava. Pouca coisa se salvou se contarmos apenas a parte do rosto. Por isso, tinha que voltar para a sua terra para poder tratar os documentos.

Estava já no seu oitavo mês e seria uma viagem rápida e um atendimento ainda mais eficaz. Na verdade, ela já estava a caminho e a realidade de voltar a pisar aquela terra outra vez não era a melhor sensação para se ter.

Enquanto os pneus do carro compartilhavam a sintonia do bem conduzir do seu tio, Tucha olhava para o céu e coloria-o de acordo a sua imaginação.

Tudo estava lá... Sua alegria e sua tristeza também.

Sua alegria por passar os momentos mais felizes e tristeza em chorar nos momentos que mais precisava, não apenas de um ombro, mas também de um abraço. Não queria esquecer, apenas rezava para que pudesse escondê-las de si mesma.

Nsoki não gostou muito da ideia de ela voltar, porque a hipótese de que ela poderia voltar a ver o ex-namorado, conflituava sua mente.

— Estás bem, Tucha? Pareces um pouco abatida.

— Está tudo bem, tio. Deve ser apenas cansaço de estar muito tempo sentada.

— Se quiseres podemos parar para esticares um pouco as pernas.

— Não... Não é preciso, tio!

Não aceitou, pois quanto mais rápido pudesse lá estar, mais cedo poderia sair de lá.

— Já falei com o pessoal, precisam apenas da tua impressão digital e o resto é conversa.

— Obrigada, tio, por tudo que tem feito por nós.

— Que é isso, menina?! Família é para isso e além do mais, eu te amo, como uma filha.

— Deves sentir muito a falta do papai. Sinto muito a falta dele.

— Ele deixou um enorme buraco na família. Tento fazer as coisas conforme ele me ensinou e sei que não sou ele, mas dou o meu melhor.

— Fazes tudo muito bem, tio, acredita! O meu coração ficava se lamentando tanto com a morte dele, inclusive me afastei da mãe e de quase todos. Não queria saber dos estudos e fui uma autêntica idiota com a minha própria vida. Até tentei matar a minha filha.

— Calma, esqueça isso, tu estavas assustada.

— Não, tio, eu tentei matar a minha filha e mesmo desistindo desse acto, ainda duvidava que tivesse realmente de seguir em frente.

— O importante é que não cedeste, mesmo depois de toda aquela situação que enfrentaste. Foste firme e aceitaste criar essa criança. És a minha heroína, sabias!?

— O tio é como um pai para mim.

Seu tio tivera se tornado um pai. Um pai na sua forma de amá-la, de respeitá-la e de saber ouvi-la. Não agiu como os outros que tentavam somente apoderar-se dos bens, sem ao menos pensar nos filhos e na viúva.

Depois daquela conversa, continuaram seguindo viagem ao som das notícias que a rádio lhes comunicava.

Horas depois chegaram finalmente a Luanda. Ao ultrapassar o limite, fechou os olhos e suspirou de forma profunda e relaxante. Percorriam então de forma mais calma a cidade, e suportavam o trânsito incansável de animar os motoristas com a sua presença.

Artur continuava em coma, lutando pela vida, mas sem dar sinal de vida. Sua vida estava apagada por fora e por dentro, assim como uma lanterna sem pilhas. Os que o viam, de nada esperavam e só os choros faziam-se ouvir naquele quarto.

Podia não estar com eles, podia não dar sinal de luta pela vida, mas bem no fundo do seu íntimo, num lugar tão pequeno e tão importante, ele ouvia o seu pensamento e foi confrontado pela voz que não se cala.

— *Adeus, meu amor. Adeus, minha filha. Adeus, minha família.*

Enquanto tivera estado em pleno estado de vida, nunca conseguiu pronunciar a palavra família envolvendo a sua namorada e a filha.

— *Meus erros conduziram-me até aqui. Não mereço viver, não tenho moral de partilhar o mundo delas e pouco a pouco sinto que vou.*

Até no seu íntimo sua mente continuava baralhada. Ora lutando pela vida, ora desistindo dela. Parecia o acender e apagar de uma lâmpada.

Tinha desistido de lutar e as batidas do seu coração foram lentamente reduzindo o ritmo, numa sinfonia quase intocável. Estava acabado e ninguém o poderia persuadir da decisão que tinha tomado.

O inesperado aproximou-se dele, como o som do impacto de uma jarra de vidro jogada ao chão, causando sensação no lugar mais débil que o corpo apresentava.

As coisas estavam literalmente a caminhar segundo a ordem que ele tivera escolhido na imensa volta à terra. A ordem era sua, a opção foi sua e de mais ninguém.

Finalmente Tucha e o seu tio chegaram ao posto de identificação e foi atendida num ápice.

Tiveram que ficar apenas quinze minutos para tratar todo o processo. Quando estavam fora, seu tio não encontrava a sua carteira e voltou para dentro, para procurá-la.

Tucha ficou ali com a imagem diária do vai e vem dos carros. Olhava para o céu, para a direita, para esquerda e para dentro do posto.

Sentiu uma sensação estranha e resolveu ir para o carro que estava do outro lado da estrada. Foi mesmo ali, naquele sexto passo que deu em direcção ao outro lado, que suas pernas perderam a vida e seu cérebro entrou em hibernação.

Caiu no meio da estrada e sem o seu tio por perto. A multidão aglomerou-se em torno dela em fracção de segundos, e o carro que vinha em sua direcção parou.

## Capítulo 16

O homem saiu do carro a correr.

— Ajudem-me a metê-la no meu carro, vou levá-la ao hospital.

Sem nada perceber, sem sentido algum, foi levada ao hospital. O senhor tresandava tristeza e preocupação.

— Por favor, enfermeiros, acudam! Ela está grávida e desmaiou no meio da estrada, não sei o que aconteceu, está sangrando... Por favor salvem-na!

Os enfermeiros trouxeram a maca e levaram-na para a sala de parto.

Enquanto ia sendo levada, abriu os olhos e lentamente foi recuperando a visão, sem saber o que tinha acontecido e na inocência do acontecimento, viu o seu sogro correndo com os enfermeiros. Quando tentava perceber a situação, as dores consumiram o seu corpo e ela, gritou.

— Menina, quantos meses de gravidez? – Perguntou a doutora que a recebia.

— Oito!

O pânico instalava-se naquela secção, enfermeiros correndo de um lado para o outro assistindo os mais diversos casos.

— Como te chamas?

— Fatucha.

— Fatucha, estás a perder muito sangue e corres o risco de perder o bebê. Preciso que te mantenha acordada, tá?! Vamos ter que fazer uma cesariana para tentar salvar o bebê, ok?! Mas preciso que nos ajudes, tá?!

Perante aquela situação, ela só acenava com a cabeça e começava a chorar.

— Vai correr tudo bem, filha.

Do outro lado, o pai do ex-namorado não escondia a cara de preocupação, estava tão aflito que tiveram que lhe dar um calmante.

— Está tudo pronto, doutora.

— Ok, vamos começar.

Enquanto a cesariana decorria, seu tio conseguiu encontrar o hospital, depois de ter entrado em quase todos os hospitais da cidade.

Quando se aproximava da sala de espera, eis que de longe avistou o sogro da sua sobrinha. Correu em sua direcção e pegou-lhe de forma agressiva, mas para seu espanto, o homem estava com um terço na mão e rezava.

Rezava por Tucha e por sua neta.

Ele não pediu nenhuma explicação, simplesmente aquilo o gelou por completo e sentou-se calmamente ao seu lado, ficaram ambos a rezar.

Por ironia do destino, Artur também se encontrava naquele hospital.

Enquanto decorria a cesariana, Tucha foi levada para o seu íntimo. No segundo adiante, o seu íntimo juntou-se ao de Artur e da menina que estava para nascer.

De repente, ouviu-se uma voz:

— Sei que estão assustados, mas acreditem que está tudo bem. Vossos actos e vossas vidas, de algum modo semelhantes, vos conduziram até este momento. Todos vocês merecem dar um pouco mais de vocês à esta terra. A decisão já estava tomada, mas estas três crianças que estão ao meu lado intercederam por vocês.

Elas decidiram abortar os seus pais.

Não conseguiam identificar quem falava com eles, simplesmente viam um vulto luminoso e o sorriso de três crianças.

— Estas crianças mesmo sendo rejeitadas no primeiro momento de suas vidas, elas estão dando a vida por vocês neste momento. Elas sonharam com o dia em que pudessem estar no mundo e no entanto, simplesmente não as souberam acolher.

— As vossas dúvidas pela vida humana fizeram-lhes muito mal. O vosso desprezo e incertezas abalaram-lhes profundamente. Mas elas, apesar de tudo, estão dando as suas vidas por vocês e assim que viram que estavam correndo perigo de vida, não hesitaram, nem uma única vez, em dar a vida por vós. Elas abortaram os seus pais.

— Este é o sinal do verdadeiro amor, que existe entre os pais e os filhos, a partir do momento que eles existem. E eles existem quando estão aqui no ventre de suas mães. Não foi preciso elas olharem para os vossos rostos para poderem amar vocês. Elas regressam comigo e olharão sempre por vós.

Queriam falar, contestar, defender suas crianças, mas era tarde. Tiveram todo tempo do mundo para estar com elas e não o fizeram.

Uma enorme luz veio na direcção deles e todos ouviram como que por parte de uma só, cada palavra proferida pelos seus filhos (te amo).

Num instante estavam de volta aos seus corpos.

Tucha acordou e viu-se rodeada de médicos que preparavam o carro para a reanimação. Ela olhava-os com profunda tristeza e então a doutora deu-lhe a triste notícia de que sua menina não tinha conseguido sobreviver. Sabia que a sua filha tinha dado a vida por ela.

Quando já estava no quarto, a porta abriu-se devagar. Era o pai da sua filha, o jovem Arturi, que acabava de recuperar do coma de cinco meses. Assim que ele entrou, olhou para ela e disse:

— Ela deu a vida por mim, eu que não merecia, rejeitei-a, mas ela não hesitou em salvar-me.

Lá ficaram os dois chorando, não apenas de tristeza, mas também de orgulho pela sua filha, apesar de ela não ter sobrevivido, eles teriam sempre ela em seus corações e como sua primogénita.

Arturi era o único herdeiro do casal Baptista, donos de uma rede prestigiada de hotéis na baixa da cidade de Luanda e outras províncias de Angola, possuindo igualmente algumas fazendas. Mas tal como tinha acontecido com Artur, o jovem Arturi não foi capaz de confrontar os seus pais e colocar de lado o orgulho dos bens materiais para se juntar a Tucha.

No outro quarto do hospital, por ironia do destino ou como resposta da mãe natureza as coincidências da vida, se encontravam Artur acompanhado da mãe da sua filha, a jovem Ucha, que nesses nove meses passaram pelo mesmo drama e também vivenciaram a experiência nos seus íntimos, onde foram abortados.

Seis anos mais tarde, sobre o bonito sol e vento ameno, lá estavam os quatro almoçando com os seus filhos.

Fatucha e Arturi tiveram uma menina, a quem chamaram de Nsoki.

Artur e Ucha conceberam um menino que tinha o nome de Arcanjo.

Todos eles estavam com quatro anos de idade e aquela experiência juntou suas vidas e sorrisos num só.

Algo muito forte ligava a vida deles, e era algo bom. Enquanto comiam e sorriam nas histórias mais hilariantes de cada um, Nsoki e Arcanjo, falaram em uníssono:

— Obrigado por me deixares viver.

Talvez esse drama se tenha revelado uma enorme confusão para as nossas mentes, com semelhança de nomes e histórias, mas quem pode negar que a vida está cheia de pontos confusos e similares que a cada dia tornam o mundo mais pequeno. Por isso, ainda não há como negar que escrever é

repor no papel tudo o que lhe foi retirado na altura da sua concepção, pois são elas, as árvores, que conservam as nossas histórias.

**Fim**

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por esse propósito de vida, a minha família, especialmente todos eles, amigos, colegas, professores e mentores anônimos, sacerdotes, religiosas e todos que me apoiam nessa caminhada.

## Sobre o Autor



JV é um jovem que se apaixonou pela escrita na terceira carteira da sala número 6 da escola primária n. 228 de Agosto, quando descobriu que a combinação de letras podia gerar som para qualquer lugar do mundo.

Amadureceu essa ideia com os números e se licenciou em Contabilidade e Administração. Nasceu em Luanda mas é descendente dos Ngola Ny Samba (Malanje). Acredita no poder das palavras e aprecia os lugares tranquilos que a natureza oferece.